



Imagem: Registro dos participantes no 2º encontro nacional. Fonte: Acervo ERA

## 2º ENCONTRO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DE EXTENSIONISTAS E AGENTES DE ATER



Imagem: Registro do 2º encontro nacional. Fonte: Acervo ERA

BRASÍLIA,  
2025

**RELATÓRIO DO 2º ENCONTRO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO  
DE EXTENSIONISTAS E AGENTES DE ATER**

**Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)**

Ministro Luiz Paulo Teixeira

**Secretaria de Agricultura Familiar e Agroecologia (SAF)**

Secretário Vanderley Ziger

**Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Dater)**

Diretor Marenilson Batista da Silva

**Coordenadora-Geral de Formação, Construção do Conhecimento e Fomento à ATER**

Coordenadora Regilane Fernandes

**Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – Condraf**

Secretário-Executivo Samuel de Albuquerque Carvalho

**Comissão Organizadora**

**GT Formação Comitê Permanente de Ater do Condraf**

- Rede Ater Nordeste de Agroecologia
- Cenater
- Irpaa
- Asbraer/Emater-RN
- CGAN-Ministério da Saúde
- Faser
- Anater
- Dater-SAF-MDA
- UnB (convidada)

**Público:** Representações de organizações parceiras do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA): Anater, Asbraer, Faser, Embrapa, Finep, Universidades, Institutos Federais, Movimentos Sociais, Ministérios e outros órgãos federais, Comitê Permanente de Ater do Condraf e as Superintendências Estaduais do MDA.

**Relatoria:** Projeto ERA – Extensão Rural e Agroecologia/UnB: César Adriano de Souza Barbosa, Jéssica Rodrigues Pereira, Lauana Vieira dos Santos, Nina Paula Laranjeira.

## **Brasília - 2025**

### **APRESENTAÇÃO**

O 2º Encontro Nacional sobre Formação de Extensionistas e Agentes de ATER ocorreu nos dias 07 e 08 de agosto de 2024, em Brasília, no Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH) da Conab, em formato híbrido.

Reuniu presencialmente representação das organizações parceiras no tema (Anater, Asbraer, Faser, Embrapa, Universidades/Institutos Federais) bem como outros Ministérios e órgãos federais. Virtualmente houve a participação do Comitê Permanente de Ater do Condraf e das Superintendências Estaduais do MDA.

O 2º Encontro teve como objetivos a construção da Estratégia Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater; o fortalecimento da articulação entre ações em curso em parcerias estabelecidas com MDA; e o intercâmbio de saberes e práticas.

### **RELATO DAS ATIVIDADES**

#### **DIA 07 DE AGOSTO DE 2024**

##### **I - MESA DE ABERTURA**

**Mediação:** Marenilson Batista - Dater/SAF/MDA

**Participantes:**

Paulo Teixeira – Ministro/MDA

Fernanda Machiaveli – Secretária Executiva/MDA

Vanderley Ziger - Secretário da SAF/MDA

Camilo Capiberibe – Diretor Administrativo e Financeiro/Anater

Renato Simões - Secretário Nacional de Participação Social/Secretaria Geral da Presidência da República

Vânia Marques - Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares - Contag

Heloísa Rodrigues – Extensionista Emater-DF e Faser

**Vanderley Ziger - Secretário da SAF/MDA**

Iniciou sua fala referindo-se à importância dos processos de formação, sendo este o segundo Encontro de Formação dos Extensionistas e Agentes de Ater, e da importância destes espaços para discutir e debater, para formular qual e quantos desafios se apresentam na agenda de debates sobre Assistência Técnica e Extensão Rural. Trouxe dois desafios importantes, sugerindo que fossem colocados na agenda destes dois dias. Primeiro, o lugar da Ater dentro da agenda do MDA, da Política de Desenvolvimento Rural do nosso país. Afirmou que, o MDA, com a sua volta, traz para a agenda do Governo Federal do Presidente Lula toda uma discussão, na reconstrução das políticas, que tem demonstrado, já nesse um ano e meio de trabalho do ministro Paulo Teixeira, um resultado extraordinário no sentido de retomada das políticas públicas. Segundo ele, isto já vem acontecendo na base da Agricultura Familiar, dos Povos e Comunidades Tradicionais, dos assentamentos da reforma agrária. Um segundo ponto, seria colocar na centralidade do debate, a produção de alimento saudável, a segurança e soberania alimentar e como as políticas do ministério dialogam com a agenda da produção de alimentos. Questionou como a agenda da formação dos agentes de Ater precisaria percorrer essa discussão e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade da agenda de Assistência Técnica e Extensão Rural. Chamou a atenção para a diversidade de atores que fazem Ater, e ainda que saberes populares precisam ser colocados como experiências exitosas. Finalizou trazendo a importância de fortalecer a estratégia da pesquisa, pois a Ater dialoga diretamente com a pesquisa. Destacou o papel da Embrapa e o papel de outros atores que estão nas universidades e que estão em vários espaços públicos; e também do governo, do ministério e da Secretaria da Agricultura Familiar e do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural, comandado pelo Marenilson, no sentido de avançar na combinação entre Ater e pesquisa, entendendo como espaço da centralidade das demais políticas da secretaria e do ministério. Deixou então as boas-vindas e seu compromisso de trabalho, em parceria com os presentes, ajudando a formular e construir espaços de formação para todo o campo da Agricultura Familiar.

### **Vânia Marques/Contag**

Explicitou seu entendimento sobre este segundo Encontro Nacional de Formação de Extensionistas e de Agentes de Ater, com papel fundamental, para além da formação dos presentes, na articulação das pessoas que estão no campo e que precisam ter essa formação. Este momento de reencontro, nesta nova conjuntura que é de transição planetária e que é de reconstrução do nosso país, com diversos desafios a serem superados. Neste contexto, avaliou que um Marco de Referência e um Plano Nacional de Formação também devem dar respostas para superar estes desafios, que são problemas reais, de pessoas reais, que estão no campo brasileiro e, por isso, este momento deve ser valorizado. Enquanto representante do conjunto dos movimentos sociais, avaliou ser preciso superar a fome, mas, além disso, é preciso fazer a inclusão socioproductiva de várias famílias que estão no campo e que ainda não possuem acesso à terra, que não conseguem acessar as Políticas Públicas. Em seu entendimento, nesse contexto de mudanças climáticas é preciso pensar sistemas agroalimentares resilientes, pensar Agroecologia e novas formas de garantir a

permanência das pessoas no campo. Chamou a atenção também para o fato de que os extensionistas e os agentes de Ater são fundamentais neste processo, sendo necessário valorizar estes profissionais, dando condições de trabalho, pois seus problemas são reais. Para além da questão orçamentária, que também é um desafio muito grande, afirmou que iniciativas com esta, realizadas pelo conjunto do governo, são essenciais para contribuir com o desenvolvimento do campo brasileiro e pensar assim um Brasil sem fome, um Brasil sem miséria, mas sobretudo, um Brasil soberano, que possa escolher o que plantar, quando plantar e como construir a soberania que os povos que estão no campo, nas florestas e nas águas muito desejam.

### **Heloísa Rodrigues – Extensionista Emater/DF e Faser**

Abriu sua fala dizendo que a Ater pública oficial está à disposição para este tipo de discussão, trazendo o exemplo do Suater. Lembrou que há décadas, a Faser faz parte dessa luta, desde a Pnater e que há representantes de Emater do Brasil inteiro trabalhando diretamente na ponta, com o produtor rural, com quem precisa, com o pessoal das águas e das florestas. Então, é importante contar com estes profissionais para qualquer tipo de discussão, e são eles que vão receber formação. Avaliou ser a própria Extensão Rural uma formação continuada, apesar de não formal, daí a necessidade de formação para extensionistas, e também para os agentes de extensão rural.

### **Renato Simões - Secretário Nacional de Participação Social/Secretaria Geral da Presidência da República**

Afirmou que a política muda a vida das pessoas onde consolida avanços democráticos e ser este o sentido do programa que iriam apresentar na próxima mesa: “Participação Social com Educação Popular nos territórios”. Um programa da Secretaria Geral que, por acordo firmado pelo Ministro Márcio, será desenvolvido nos territórios rurais homologados pelo Condraf, e que busca transformar em sujeitos políticos beneficiários das Políticas Públicas. Para a Secretaria Geral, é muito importante que a experiência de Ater seja retomada por esse governo. Observou que todos os Ministérios estão buscando construir agentes territoriais, daí a importância deste encontro intersetorial para promover a participação social nos territórios, onde os extensionistas rurais se encontram com os agentes comunitários de saúde, com agentes de educação popular em saúde e com agentes da economia solidária. É no território que há condição de tratar a pessoa como sujeito na integralidade dos seus direitos, porque ela não é só uma produtora rural, não é só consumidora de cultura, ela é uma pessoa que se deve promover, não só pelo acesso aos direitos, mas pela elevação do seu grau de participação cidadã e de consciência participativa, por isso associar as ações à Educação Popular. O processo participativo tem o poder objetivo de fazer com que as pessoas participem mais e mudem o território; e a partir da mudança do território contribuam para a grande mudança do país. Reafirmou a centralidade da articulação do território com a nação na política da Secretaria Geral.

Exemplificando a importância das articulações territoriais e intersetoriais, informou que o Ministro Paulo Teixeira estaria em São Paulo no próximo dia 15, com outros ministros, para discutir o Plano Clima, e que a Ministra Marina Silva liderava caravanas pelos biomas para ouvir as sugestões da sociedade civil e dos movimentos sociais organizados, para o Plano Clima. Trouxe também a centralidade do tema da agricultura e da pecuária no contexto dos compromissos internacionais que o Brasil precisa assumir e em relação aos direitos do povo. Fazem a participação social integrando por rede digital todo o processo participativo, como por exemplo do Plano Clima, logo na sequência do G20 Social. Em articulação nacional, com a reconstrução dos territórios, é que a mudança se dá, que a consciência se cria e que a transformação acontece. Colocou-se então à disposição para as construções da SAF e comunicou que em breve estariam em grande iniciativa do consórcio Nordeste que está sendo construída com as parcerias das várias secretarias do MDA, do MDS e da Secretaria Geral, para avançar, até o final do governo do Presidente Lula, para que a presença viva do estado brasileiro nos territórios seja fortalecida.

#### **Camilo Capiberibe – Diretor Administrativo e Financeiro/Anater**

Lembrou que a Anater surgiu para responder, em Brasília, a uma tentativa de construção e ocupação do espaço que se esvaziou com o fim da Embrater, no início dos anos 90. Uma busca por olhar que enxergue toda a diversidade do campo brasileiro, em qualquer uma das regiões tão desiguais, e em busca por condições de haver coordenação e ações que respondam a questões que atingem profundamente o campo. Há um ano e meio deste novo governo, com a volta do MDA, e os desafios são muito grandes e momentos como estes de grande importância. Cumprimentou as universidades e institutos federais presentes, e toda a participação *on-line*, e afirmou que o resultado deste debate seria enriquecedor, propositivo e que certamente passos importantes seriam dados para atender a grandes desafios. Lembrou ainda, que o objetivo que o presidente Lula deu para sua equipe foi tirar o Brasil do mapa da fome, produzir alimentos saudáveis de qualidade e reduzir a inflação, reduzindo o preço dos alimentos. Parabenizou então o MDA e os presentes no encontro.

#### **Fernanda Machiaveli – Secretária Executiva/MDA**

Partindo do princípio de que os ali presentes tinham o mesmo propósito, determinado no Seminário, que é a construção de uma grande estratégia nacional de formação de Agentes de Ater, falou da importância de compreender as várias perspectivas sobre a Extensão Rural e os serviços de Assistência Técnica: a perspectiva da Ater pública, a perspectiva das organizações da sociedade civil, a perspectiva dos órgãos de implementação da Ater Federal, da pesquisa e das universidades. Em seu entendimento, esta iniciativa vem para dar um passo ainda mais célere na construção de um sistema de Ater sólido e que tenha um Marco Legal, recursos mobilizados para financiar a Ater pública e que consiga também valorizar as organizações da sociedade civil que já tem implementado Ater a partir das suas bases e feito toda a diferença no campo. Afirmou que não teremos Agricultura Familiar, nem produção de

alimentos saudáveis, nem acesso à terra, nem Agroecologia, nem reforma agrária suficientes, se não houver uma rede de assistência técnica e extensão rural estruturada nos territórios. Apontou então este como importante desafio colocado neste encontro tão importante.

### **Paulo Teixeira – Ministro/MDA**

O ministro iniciou com o panorama sobre a estrutura agrária do Brasil, a seu ver muito desigual, por um lado formada pela grande propriedade dirigida para a produção de *commodities*, como milho e soja, também para produção de energia, com foco no mercado externo, e por outro, uma grande quantidade de minifúndios em situação de pobreza e miséria. Uma grande contradição brasileira: sua estrutura fundiária. Garantiu que o governo Lula continua no esforço pela reforma agrária, lançou o Plano Terra da Gente, voltou a fazer reforma agrária. Outra contradição apontada, foi o fato do país ser grande produtor de alimentos, mas ainda ter 33 milhões de pessoas no mapa da fome, apesar de, em um ano e meio de governo já terem sido retiradas 24 milhões de pessoas da situação de fome. Entretanto, para ele, ainda é preciso fazer com que todo brasileiro tenha o seu alimento diário e que se alimente pelo menos três vezes ao dia. Ressaltou que muitos brasileiros, por não terem acesso a um alimento saudável, comem alimentos ultraprocessados, gerando problemas graves de saúde advindos da má alimentação. Ou seja, um duplo problema, muitos brasileiros no mapa da fome e muitos brasileiros, quase metade da população, se alimentando mal. Neste contexto, ampliar a produção de alimentos e promover uma reeducação alimentar do povo brasileiro é emergencial. Sob o ponto de vista do acesso à Assistência Técnica e Extensão Rural, apontou que o grande tem acesso, já resolveu esse problema e o faz privadamente. Enquanto temos, talvez uma das melhores empresas de tecnologia agrícola no mundo, que é a Embrapa, e o grande consegue se apropriar fortemente dessa tecnologia, o pequeno, ainda que ela esteja disponível, não tem acesso, porque a questão não é só produzir tecnologia, mas torná-la acessível ao pequeno. E por que que não chega no pequeno? Perguntou e apresentou como resposta a falta de um sistema de Assistência Técnica e Extensão Rural, que já existiu no Brasil e foi desarticulado no governo Collor. Atribuiu o desmonte do sistema nacional de Ater à força da chamada Revolução Verde, que priorizou a agroindústria e a empresa no campo em detrimento dos pequenos, embora os dois sistemas pudessem conviver de maneira harmônica, mas o que há é o abandono do pequeno no campo. Observou que o presidente Lula fez uma promessa no G20, diante do diretor geral da FAO, de que vamos tirar o Brasil do mapa da fome até 2026. Portanto, disse ele, temos dois anos para cumprir esse desafio, fazer com que os 33 milhões que estavam no mapa da fome não estejam mais; e que para isso é preciso produzir alimentos saudáveis. Voltar a produzir arroz e feijão, produzir frutas, legumes e verduras. Afirmou que renda média da sociedade brasileira aumentou em 11% e a renda dos estratos mais pobres da população aumentou em 37%, e por isso torna-se importante aumentar a produção de alimentos, sendo este o grande desafio da sociedade brasileira e da Agricultura Familiar. Completou dizendo que esta produção de alimentos virá pela Agricultura Familiar,

virá de baixo para cima na sociedade e a partir das diversas regiões, em ciclos curtos de produção e consumo de alimentos, sendo este o grande desafio. Trouxe ainda como outro grande desafio que a agricultura está vivendo as mudanças climáticas, impactando as formas tradicionais de fazer agricultura e questionou como o agricultor poderá produzir diante desta crise. Acessar tecnologias importantes, como plantio em estufa, por exemplo, poderia ajudar. Outro aspecto observado pelo ministro, foi sobre as mudanças tecnológicas. Entende que o agricultor não quer mais ficar no campo para pegar enxada, que precisa ter acesso a máquinas e a novas tecnologias, precisa de uma revolução também do ponto de vista digital. Falou também da mudança de uma agricultura de base química, com uso de agrotóxicos, para uma agricultura de base biológica, com os bioinsumos, fazendo a transição para produtos mais saudáveis e a transição para agroecologia. Para todos estes temas, continuou, é preciso a Assistência Técnica e Extensão Rural e que, em última instância, o desafio é combater a pobreza e a miséria no campo do Brasil. A inserção do agricultor pela via econômica também precisa da Ater, que é grande articuladora do desenvolvimento local, do desenvolvimento regional, para possibilitar que os agricultores acessem os serviços e bens disponíveis na região e se fortaleçam. Por isso, estes temas devem ser debatidos nos territórios e para isso o MDA está se articulando com a Secretaria Geral de recriação do programa dos territórios, para fortalecer politicamente a Agricultura Familiar. Fundamental pensar na mulher e sua participação na agricultura e lembrou ser este o dia da Lei Maria da Penha e que o Brasil ainda precisa avançar no debate sobre o combate à violência contra mulheres. Sobre o tema da juventude no campo, observou que o jovem ficará se tiver uma conexão com as novas tecnologias, se tiver acesso a estudos, ensino técnico, ensino superior e, para isso, estão trabalhando em torno do Pronera, em todas as suas modalidades. Inclusive na modalidade da alfabetização de adultos.

Reafirmou então que, por todos os motivos colocados, é fundamental e decisivo que a Ater chegue nos pequenos agricultores do Brasil. Homenageou as empresas estaduais, as Emater, por sua importância nesse processo, apesar de perceber que muitas delas estão esquecidas, sendo necessário que voltem a existir. Destacou o papel das universidades e o desafio lançado à UFG na criação do polo de formações de cooperativas de agricultores. Para criar um programa nacional junto aos agricultores e às universidades e institutos federais, avaliou ser necessário fortalecer as redes de cooperativas e de movimentos sociais que também fazem Ater. Falou do Senar, que, apesar de ser um bom sistema, não chega no pequeno, mas tem muito dinheiro em caixa. Então, quer propor ao Senar, dar um número de vagas para o agricultor familiar, para terem o acesso àquilo que é uma boa Assistência Técnica e Extensão Rural. Reconheceu que no sistema Senar pode haver uma ideologia, mas que isso deverá ser feito com respeito às orientações políticas dos movimentos sociais. Observou ainda que, se conseguirmos constituir rede de pesquisa com as universidades e com a Embrapa, a tecnologia avançada pode chegar ao campo possibilitando sermos grande produtor de alimentos para o mercado interno brasileiro, alimentos saudáveis e de qualidade.

Afirmou que o Congresso Nacional não pode manter imposto dos agrotóxicos e de ultraprocessados, e que estes deveriam pagar impostos duplicados. Informou também, que estão conversando com o MAPA, para que voltem as discussões do Pronara com a seguinte

ideia: os agrotóxicos ultraperigosos e altamente tóxicos, devem ser mapeados para criar um programa de desenvolvimento de biológicos, inicialmente para estes, de forma que para cada biológico correspondente, se faça a proibição daquele agrotóxico. Finalizou com o grande desafio posto neste momento para a Ater, que é construir o chamado Suater.

## II – MESA: A Formação de Extensionistas e Agentes de Ater – fundamentos, diretrizes metodológicas, desafios e perspectivas.

**Mediação:** Beth Cardoso – Chefe de Participação Social/MDA

### Participantes:

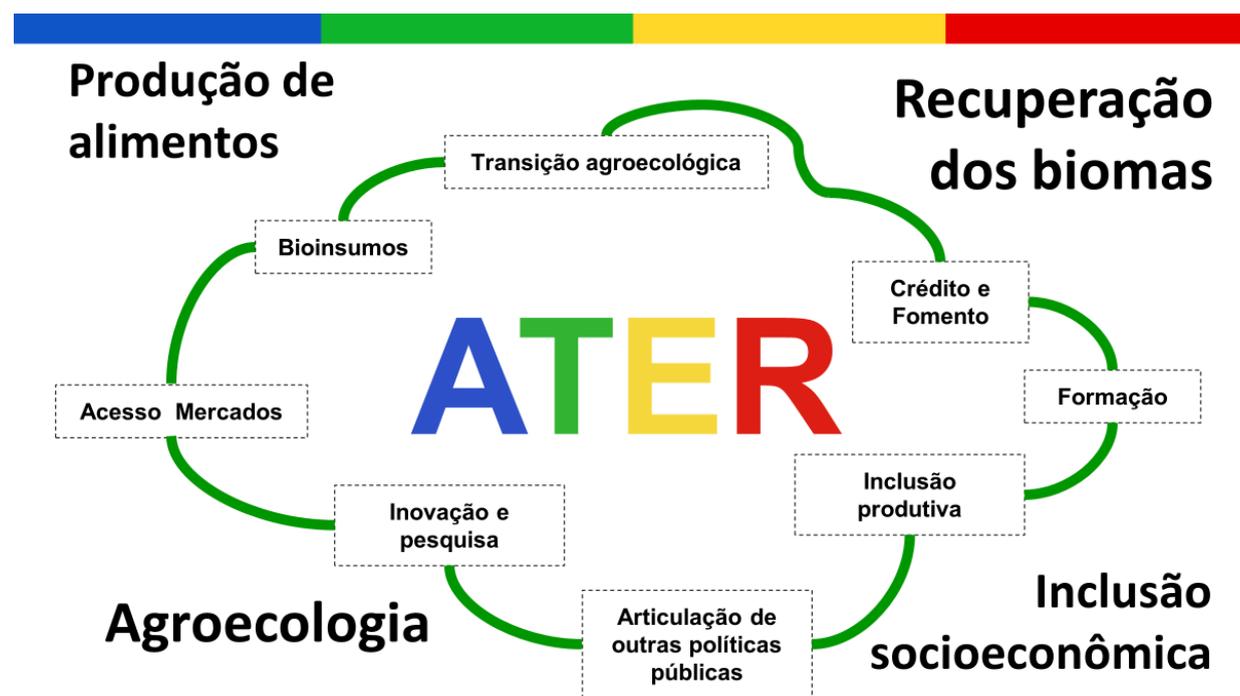
Marenilson Batista -Diretor/Departamento Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Dater/SAF/MDA)

Pedro de Carvalho Pontual – Diretor de Educação Popular/Secretaria Nacional de Participação Social/Secretaria Geral da Presidência da República (SNPS/SG/PR)

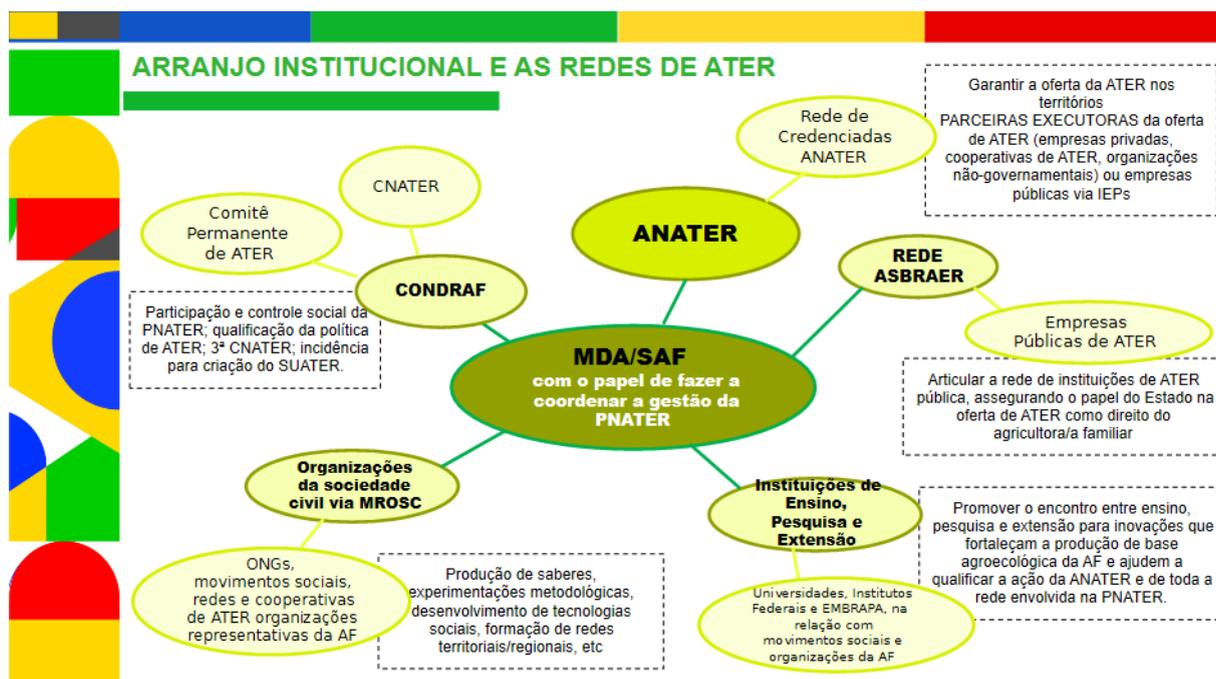
Loroana de Santana – Diretora Técnica/Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater)Flaviane Canavesi – Professora e Pesquisadora/Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária/Universidade de Brasília (FAV/UnB)

**Marenilson Batista – Dater/SAF/MDA**

Seguem os conteúdos dos slides de sua apresentação.



Quem somos?



## RELAÇÃO COM AS UNIVERSIDADES, IFs e EMBRAPA:

### PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM REDES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO:

RECORTE DE PÚBLICO	PARCEIROS/ PROJETOS	ÁREA DE ABRANGÊNCIA
Indígenas	UFRR, UFMS e Embrapa Mandioca e Fruticultura	RR, MGS, AP
PCTs	UFRPE, Ufersa, UFDPAr	Região semiárida
Mulheres	UFRPE, Ufersa, UFDPAr	Região semiárida
Juventute	UFG, UFRPE, UFDPAr	Todas as regiões
Assentados de Reforma Agrária	UFG, Ufscar, Ufersa	Todas as regiões

## RELAÇÃO COM AS UNIVERSIDADES, IFs e EMBRAPA:

### PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM REDES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO:

TEMAS	PARCEIROS/ PROJETOS	ÁREA DE ABRANGÊNCIA
Formação Nacional/Regional/Redes Temáticas de Agentes de ATER	UFRPE, UFPA, UnB, UFG, Unipampa,	Todas as regiões
Agricultura Urbana e Periurbana	UFMS, UFRN, IFSP, UFRRJ, IFPB	RN, CE, PB, SE, MA, DF, PA, AM, SP, MS.
Cadeia produtiva: Mandioca (Reniva)	Embrapa Mandioca e Fruticultura	AC, AL, AP, AM, BA, PB, RO, RR, TO.
Cadeia produtiva: Algodão Agroecológico	Embrapa Algodão	Região do Semiárido
Cadeia produtiva: Mel	Embrapa Roraima	Roraima
Cadeia produtiva: Sistemas agroalimentares de altitude no semiárido	UFPB	Região semiárida de altitude
Cadeia produtiva: Leite	IFPE	Pernambuco
Projetos de Inovação em Agroecologia	UFV, IFPA, Ufersa, IFPB	Nacional

### Do que estamos falando?

**Para uma Agricultura Familiar Agroecológica, uma nova ATER!**

**Para uma nova Ater, novas concepções e novas práticas!**

a pedagogia de ATER;

o salto nas estratégias de articulação com as outras políticas;

uma nova relação entre técnico e agricultor(a).

**Para uma nova práxis, a relevância do papel do Agente de ATER!**

quem forma o formador?

orientado por qual base ideológica, técnica, pedagógica?

**A formação de Agentes de ATER como responsabilidade compartilhada:**

entre as secretarias do MDA

com a ANATER

entre MDA e suas redes de parceiros/projetos (produção de conhecimentos, desenvolvimento de metodologias e tecnologias para inovação)

com as Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão

## **A produção de referências teórico-metodológicas e de uma estratégia para o processo de formação de agentes**

Documentos de Referência balizados pelo CONDRAF

Promoção de ações diversificadas, articuladas e contextualizadas às necessidades da AF e dos Extensionistas/ Agentes de ATER

Definição de uma estratégia de gestão da Formação de Agentes.

## **Acúmulos de Debates do CP-ATER**

### **O Plano de Formação de Agentes elaborado em 2013, mas não publicado**

1. EVIDÊNCIA DA CONCEPÇÃO DE ATER (alinhamento a PNATER)
2. DEFINIÇÃO DE PRINCÍPIOS ORIENTADORES
3. APONTAMENTO DE DIRETRIZES
4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS
5. AÇÕES ESTRATÉGICAS
6. METAS
7. GESTÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO DE AGENTES
8. PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DE AGENTES

## **PRINCÍPIOS**

- **Primar pela qualidade dos serviços de assistência técnica e extensão rural**
- **A diversificação das ações de formação**, considerando os diferentes perfis profissionais, as especificidades regionais, territoriais e de biomas
- **A PNATER como eixo fundamental** dos processos formativos dos Agentes de ATER
- **A importância de incorporar efetivamente a perspectiva da Educação Popular** e os princípios da Educação do Campo aos processos de formação da ATER.
- **A articulação entre teoria e prática no processo de formação de Agentes de ATER**, fundada no domínio de conhecimentos científicos e didáticos, contemplando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
- **A valorização dos profissionais de ATER e de seus saberes, sua trajetória e experiência** na extensão rural e sua realidade profissional.

- **A valorização dos saberes, vivências e conhecimentos dos públicos da AF e de suas demandas** sociais, bem como dos aspectos étnico-raciais, geracionais e de gênero e o respeito as diversidades.
- **A articulação e integração entre a pesquisa e a ATER**, garantindo a disponibilização de tecnologias e conhecimentos às famílias agricultoras.
- **A Agroecologia como ciência, prática e movimento; e a participação social como método!**
- **Os novos pactos campo-cidade na promoção de sistemas agroalimentares saudáveis e novas lógicas de desenvolvimento socioeconômico em bases justas e sustentáveis.**

**DIRETRIZES** para a formulação de planos, programas e projetos de formação de âmbito nacional, estadual, regional/territorial

- **Promover processos de formação inicial e continuada aos Extensionistas e Agentes de ATER, articulada em seus diferentes níveis e modalidades de formação** nos diversos temas e conteúdos relacionados à AF e à prática extensionista, qualificando os serviços de ATER e as práticas produtivas dos agricultores e agricultoras familiares, suas organizações sociais e empreendimentos econômicos e suas redes de cooperação.
- **Desenvolver processos de formação que promovam a incorporação de novas práxis aos profissionais** de ATER, ampliando e/ou atualizando competências e habilidades, promover a reflexão crítica sobre a realidade do rural e da ATER na perspectiva das diferentes áreas do conhecimento relacionadas ao universo da agricultura familiar, a partir das experiências adquiridas na atuação extensionista, tendo como base os princípios e diretrizes da PNATER.
- **Monitorar e avaliar continuamente os processos de formação de Extensionistas e Agentes de ATER, realizando processos de acompanhamento técnico-pedagógico** que possibilitem a contínua análise qualitativa das ações de formação, das estratégias e métodos utilizados, a aferição de aproveitamento e o impacto da formação nos agentes e na ação de ATER.
- **ATER como processo Educativo, que contempla dimensões individual e coletiva** do processo de aprendizagem, no fortalecimento das capacidades socioeconômicas e na leitura crítica da realidade.
- **O fortalecimento dos Territórios e da gestão social** dos processos de desenvolvimento territorial.

## OBJETIVOS

### GERAL:

Orientar os processos de formação, qualificação e capacitação dos Extensionistas/ Agentes de ATER em território nacional, nos seus diversos programas e projetos, sendo o referencial teórico, metodológico e organizativo para a elaboração e realização dos processos de formação dos profissionais de ATER.

### ESPECÍFICOS:

- Proporcionar conhecimentos aos Agentes de ATER de forma a **apoiar o fortalecimento do processo de dinamização econômica dos territórios** a partir da AF.
- **Incentivar, apoiar e contribuir com processos de inovação e socialização.**
- **Qualificar profissionais para o trabalho com povos e comunidades tradicionais.**
- **Estimular o diálogo e as relações entre os profissionais de ATER e as entidades e movimentos sociais.**
- Promover processos de formação específica de Agentes de ATER, **visando desenvolver habilidades e competências para a abordagens específicos junto à juventude e às mulheres.**
- **Estimular a integração entre campo e cidade.**
- **Fomentar a inclusão digital.**
- **Propiciar conhecimentos sobre processos de inclusão socioeconômica**

### OBJETIVOS ESTRATÉGICOS:

1. Qualificar a atuação direta dos(as) Agentes de Ater vinculados às Chamadas Públicas ou Convênios;
2. Estabelecer e ampliar as Redes Colaborativas e Temáticas;
3. Qualificar profissionais da Ater para atuação nos Processos Formativos juntos aos Agentes de Ater;
4. Organizar Banco de Dados Nacional dos(as) Agentes de Ater e Colaboradores dos Processos Formativos;
5. Promover a Educação e Qualificação Profissional dos(as) Agentes de Ater;
6. Fortalecer e ampliar parcerias com Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão voltados à Formação dos(as) Agentes de Ater e no Fomento às Pesquisas Acadêmicas direcionadas aos Processos Formativos em Extensão Rural no Brasil;

7. Qualificar de forma Permanente os Processos Formativos para Agentes de Ater;
8. Implementar Estratégias de Formação de Agentes de Ater à Distância (EaD Ater).

### **O que queremos com esta construção?**

1. **Estabelecer uma Diretriz Orientadora para o conjunto de parceiros** que atuam na Formação de Extensionistas e Agentes de ATER
2. **Articular o conjunto de ações em curso** na perspectiva do Marco de Referência e do Plano Nacional
3. **Criar uma rede de relacionamentos** (temáticos, territoriais, etc) com os parceiros atuantes no tema para gerar pactos locais/regionais/nacionais
4. **Impactar na criação de redes territoriais de extensionistas e agentes de ATER**
5. **Ter uma orientação para a tomada de decisões MDA** para futuros projetos/ações do MDA no tema.

### **PRODUTOS ESPERADOS:**

1. Documento: “Marco de Referência para Programas e Ações de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER” (publicação)
2. Documento: “Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER” (pactuação e publicação)
3. Mapa de monitoramento das ações/agentes/resultados alcançados nos Projetos

### **Pedro de Carvalho Pontual - Secretaria Nacional de Participação Social/Secretaria Geral da Presidência da República**

Apontou a Política Nacional de Participação Social com Educação Popular como necessária na articulação entre demais políticas públicas, e a criação de Núcleos de Participação Social nos diferentes territórios, em apoio aos diversos Agentes Territoriais, promovendo o diálogo e articulações entre diferentes políticas públicas. Exemplificou os fundamentos da Educação Popular a partir da prática das pessoas e seus saberes, dos temas geradores, da ação-reflexão-ação e da territorialidade. A Educação Popular se inspira na Pesquisa-ação e pesquisa participante para conhecer a realidade dos territórios, respeitando a diversidade dos sujeitos, fortalecendo ações solidárias, tolerantes e de amorosidade. Defendeu a participação social e a educação popular como contribuições para formação dos Extensionistas e Agentes de Ater.

### **Loroane Santana - Anater**

Elencou diretrizes atuais da Anater, tais como: prioridade ao estímulo à organização dos beneficiários e conhecimento sobre os territórios; integração das ações como regularização fundiária e conservação dos biomas; metodologias específicas e diferenciadas voltadas às mulheres, juventude, indígenas, quilombolas e PCT; participação da sociedade na elaboração, execução e monitoramento da Ater (retroalimentação das ações). Identificou desafios para produção de alimentos saudáveis, redução da fome, soberania alimentar, redução das desigualdades, efeitos das mudanças climáticas, recuperação de biomas, reconhecimento das diversas ruralidades. Defendeu a integração entre entidades executoras de Ater, para que os marcos metodológicos sejam executados. Observou que cada programa exige informações que são trabalhadas no âmbito do programa, mas há outras que são demandadas pelo conjunto de entidades parceiras. Sobre a execução das formações, disse que a Anater tem uma turma de formadores que auxilia em todo o território nacional, mas tem uma carência de formadores na região norte. Citou as Cadernetas Agroecológicas e o Método Lume como referências utilizadas na formação.

### **Flaviane Canavesi - Projeto ERA/UnB**

Defendeu a importância das Redes Sociotécnicas nos territórios como instrumentos importantes para fortalecimento da Extensão Rural e para a construção de um Plano Nacional de Formação de Extensionistas. Destacou a importância de se pensar estratégias para trazer as universidades para o campo da participação social, defendendo a participação das mesmas em redes sociotécnicas. Lembrou ainda que os Núcleos de Agroecologia são experiências exitosas de redes de atores, mas que ainda não foram contemplados com editais pelo atual governo. Observou a pouca participação do MEC no evento, considerando que a política dos NEA é uma política de educação, ciência e tecnologia, com potencial para participar da organização das redes sociotécnicas. Destacou a importância da Educação Popular na formação política da juventude e reestruturação da própria universidade. Ressaltou a importância da estratégia do MDA em estar próximo das instituições de ensino superior (IES). Observou que as IES chegam a locais onde o Estado não chega; os territórios estão em disputa e as universidades, muitas vezes, no lado contra-hegemônico. Por fim, destacou ações em curso no âmbito do Projeto ERA/UnB e de Agricultura Urbana e Periurbana: “estamos conseguindo articular Políticas Públicas, onde o estado não está conseguindo; articular ações e populações que não são assistidas pelo governo”. Também destacou a ausência no encontro de redes importantes da sociedade civil, entre elas o Fórum Nacional de Professoras e Professores de Extensão Rural, a Rede de Estudos Rurais e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

### III - GRUPOS DE TRABALHO (Presenciais e virtuais)

#### Questões motivadoras:

Quais **objetivos** a formação deve focar?

Que **concepções** precisam estar asseguradas?

Quais **diretrizes metodológicas** devem ser asseguradas?

Quais outras **recomendações**?

#### GT 1 – A Formação de Extensionistas e agentes para a Agricultura Familiar de base agroecológica em Territórios sustentáveis

**Mediação:** Regilane Fernandes

#### Objetivos

- Pensar a formação para a Transição Agroecológica.
- Valorizar experiências de Ater de cada agente.
- Valorizar e promover os conhecimentos populares, ancestrais e da juventude (construção coletiva do conhecimento) e suas capacidades.
- Fortalecer a base comunitária para enfrentar questões climáticas e sociais.
- Ampliar a diversidade de biomas e paisagens.
- Considerar a Interculturalidade e a multidisciplinaridade na formação dos Agentes ATER.
- Fortalecer o patrimônio alimentar e a Segurança Alimentar.

#### Concepções

- Foco em Territórios e Paisagens.
- Conceito de Território, como lugar de conflito/disputa.
- Os Agentes de ATER como sujeitos de integração política e de expansão para territórios não atendidos; bem como, criadores de elos entre agricultores(as) e entre experiências em Territórios.
- Considerar as paisagens agrícolas e biodiversidades locais, como vetores que mitigam eventos climáticas.
- Conhecimento do processo histórico da formação agrária do Brasil (na formação dos extensionistas).

### **Diretrizes Metodológicas**

- Construção coletiva do conhecimento (não educação bancária).
- Construção da formação a partir de lógicas participativas. Proposta Freiriana: horizontal, de Círculo de Diálogos (CÍRCULOS DE CULTURA?). Pedagogia da Alternância (um processo vivo, dinâmico, em transformação e revisão sistemática).
- Formação continuada dos técnicos de forma multidisciplinar, gargalos na área de humanidades (questões de gênero, força de trabalho, econômicas, administrativas e ambientais face às mudanças climáticas).
- Processo de Formação: aprender, refletir, aplicar em campo e revisar. Construção de redes sociotécnicas. Tratar a tecnologia social como processo: quando o grupo se apropria com a educação popular e gera uma tecnologia social. Adotar uma abordagem contra hegemônica.
- Professores para que em seus programas tenham como missão a extensão rural.
- Pensar uma metodologia camponesa (pensar os intercâmbios com outros países latino-americanos).

### **Outras recomendações?**

- Resgate das sementes e manutenção dos bancos de sementes (valorização das culturas e da origem das sementes).
- Aproximação dos agentes de ATER do debate político.
- Extrativismo e Agroextrativismo.
- Focar em ações no Território, no dia a dia.
- Refletir sobre as especificidades da Agricultura Urbana e Periurbana.
- Refletir sobre as especificidades dos povos das Florestas e das Águas.
- Pensar as estratégias e dinâmicas alternativas ao capitalismo (economia solidária, circuitos curtos, crédito solidário).
- Focar na troca de saberes, investir nas academias/universidades (articulá-las de forma multicampi) e que não estejam centralizadas no eixo centro-sul.
- Acompanhamento público das políticas públicas.

### **GT1 VIRTUAL – A Formação de Extensionistas e agentes para a Agricultura Familiar de base agroecológica em Territórios sustentáveis**

**Participantes:** Josinete Maria Pinto/CEDAC; Heloisa Cândido de Muris Muniz/UFF; Rosângela Carneiro Goes/ Rede Autogestionada de Educação Popular e Economia Solidária; Fabrício Santana Santos/MAPA; Danielle Wagner Silva/NEA Muiraquitã/UFOPA

## **Objetivos**

Metodologia de comunicação, associativismo, tecnologia em agricultura e pecuária;

Educação Popular e Economia Solidária que contribuam para transformar as estruturas;

Melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias rurais, por meio do aperfeiçoamento dos sistemas de produção, de mecanismo de acesso a recursos, serviços e renda, de forma sustentável.

Construir processos educativos que considerem os saberes locais.

Considerar a definição dos conceitos de Agroecologia, bem como, as Bases agroecológicas, com o envolvimento dos atores que compõem o território.

Formar agentes para assessorar as famílias em processos de transição agroecológica a partir do território de atuação, em consonância com as demandas territoriais/locais, considerando as diversas dimensões da Agroecologia.

Assessorar as famílias para usufruto de Políticas Públicas e fortalecer estratégias para reprodução social da Agricultura Familiar.

Definir claramente os padrões e conceitos da Agroecologia, promovendo seu ensino aos produtores, para que possam fazer escolhas mais críticas e sustentáveis em suas práticas agrícolas.

Respeitar as particularidades de cada território, considerando o que já foi implementado com métodos convencionais, e realizar a transição para práticas agroecológicas de maneira gradual e harmoniosa.

Conscientizar sobre a possibilidade de conciliar a produção agrícola com a sustentabilidade e a saúde do território também foi destacada como essencial.

Fortalecer as Políticas Públicas voltadas para a Agroecologia, garantindo suporte contínuo e adequado aos produtores e extensionistas.

## **Concepções**

Compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvida nas instituições de ensino superior e pesquisa.

A Educação Popular, que nos permite uma leitura crítica de mundo.

A discussão sobre o conceito de território, incluindo o corpo como o primeiro território.

O cuidado com a utilização das metodologias participativas.

A formação continuada, bem como, contextualizada e crítica dos agentes de Extensão Rural.

Princípio da busca pelo equilíbrio entre a disponibilidade dos recursos naturais e a exploração deles por parte da sociedade, ou seja, equilibrar a preservação do meio ambiente e o que ele pode oferecer em consonância com a qualidade de vida da população.

### **Diretrizes Metodológicas**

Desenvolver processos de formação que promovam a incorporação de novas práticas pelos profissionais de ATER, ampliando e/ou atualizando competências e habilidades.

Promover a reflexão crítica sobre a realidade rural e urbana para quem está nos quintais produtivos urbanos.

Monitorar e avaliar continuamente os processos de formação de Agentes de Ater com acompanhamento dos processos pedagógicos, possibilitando repensar roteiros formativos, construídos dentro do projeto de educação popular.

Planejamento Participativo. Monitoramento. Atenção a sucessão no campo.

A inclusão de visitas in loco, com vistas ao real conhecimento da realidade dos territórios.

Na formação dos/das Agentes de ATER considerar: participação; diálogo; experimentação - ter atividade de campo para experimentação dos aprendizados (aula prática); inteligência coletiva.

As diretrizes metodológicas devem incluir a promoção de rodas de conversa que envolvam os principais interessados, dando-lhes voz ativa. É fundamental oferecer cursos práticos que abordem questões reais do campo.

Além disso, é importante investir na "formação de formadores", preparando tecnicamente pessoas que se dedicarão a essa função, garantindo a continuidade e a eficácia das práticas agroecológicas.

### **Outras Recomendações**

Ouvir e adquirir conhecimento com as vivências daqueles que são e estão de forma ativa na área da agricultura, como os sítiantes e campeiros.

Inserir os princípios da Economia Solidária.

Incluir o tema da sucessão familiar, bem como, a inclusão da juventude rural.

Tratar temas como: Círculo de Cultura e Ecologia de Saberes; Educação Popular; educação antirracista; educação para a participação em todas as fases; Comunicação Não Violenta; Transição Agroecológica; Agroecologia como prática, movimento e ciência; Território e Territorialidade; Metodologia Camponês a Camponês.

Fortalecer a infraestrutura de apoio técnico e logístico para os agricultores, promover redes de colaboração entre comunidades, incentivar a pesquisa participativa em Agroecologia, garantir acesso a financiamento adequado e facilitar a certificação de produtos agroecológicos para ampliar mercados.

## **GT2 – A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de ATER com Mulheres e Juventudes**

**Mediação:** Alexandra Filipak – Subsecretária de Mulheres Rurais/MDA

**Participantes:** Ana Paula Ferreira/ UFRPE; Laeticia Jalil/UFRPE; Tarcísio Alves/UFRPE; Evandro/MEC; Alexandra Filipak - Subsecretária de Mulheres Rurais/MDA

### **Objetivos**

Garantir recursos para formações presenciais.

Pensar nas formações. Quem é o formador? É do Território? O objetivo é que tenha uma capacitação autônoma para a Agricultura Familiar.

### **Concepções**

A perspectiva de Ater precisa ultrapassar a concepção de assessoria técnica. Precisa ter uma outra concepção com o campo, como sujeito, para alcançar a juventude. O processo de Ater precisa considerar a igualdade em questões como gênero e raça da população do campo.

Precisa rever a Pnater, porque essas concepções têm que estar presentes na política antes de entrar no Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER.

### **Diretrizes Metodológicas**

Precisamos pensar nas metodologias participativas para a auto-organização das mulheres. Equipe de Ater formada também com agente cultural e profissional da saúde.

Essa formação tem que ser feminista, antirracista e antilgbtóbica. Tem que ter literatura de pensadoras negras. Esse curso tem que estar no Marco Referencial e no Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER. Porque as instituições não dedicam tempo para a formação dos Agentes de ATER.

Ter recursos para ter internet no campo.

Ter representatividade nas turmas de formação.

## **Outras Recomendações**

Adotar abordagem que faça histórico da ATER crítica.

Pensar em escuta ativa das mulheres.

Deveríamos quebrar os estereótipos de gênero colocado no campo, porque isso não chega na Ater e no campo.

Na maioria das vezes a juventude é invisibilizada nos espaços. Precisamos garantir a participação dos jovens com bolsas. A juventude facilita os processos territoriais.

O processo formativo tem que estar ligado aos processos e dinâmicas territoriais.

O sistema da Anater não dialoga com as ações colocadas aqui. É um gerenciamento totalmente produtivista.

As metas das Chamadas da Anater são exageradas, não tem como um técnico dar conta.

Não tem como fazer uma política de Ater sem estar articulada a outras políticas, teria que estar aqui o Ministério das Mulheres e o MIR para essa discussão.

Tem que ter formação sobre Crédito Rural.

## **GT2 VIRTUAL - A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de ATER com Mulheres e Juventudes**

**Mediação:** Heloísa (SMR/MDA) e Eduarda Vasconcelos (Coordenadora de Juventudes/MDA)

**Participantes:** Luiz Fernando Soares/USP; Eduarda Vasconcelos - Coordenadora de Juventudes/MDA

## **Objetivos**

Focar na autonomia econômica.

## **Concepções**

Primeiramente é preciso ter um olhar crítico para a realidade. A formação de formadores de Ater precisa ser capaz de conduzir um olhar crítico e perceber como essas desigualdades se materializam nas realidades vivenciadas pelas mulheres e juventude.

É necessário perceber a organização do trabalho nas comunidades, nas associações, nas cooperativas, nas famílias. Essa formação de ATER tem que ter uma concepção que enxergue essas questões estruturais que estão colocadas na realidade no campo.

## **Diretrizes Metodológicas**

Metodologia que tenha uma intencionalidade, principalmente para corrigir as desigualdades no campo brasileiro.

Economia feminista, da autonomia econômica das mulheres, da divisão social sexual do trabalho e os temas estruturais como a violência contra as mulheres. Esses temas entram na formação e na prática dos Agentes de ATER.

Direcionar a formação e as metodologia a partir do que as pessoas entendem em cada região, considerando a diversidade de público, jovens com e sem acesso, mulheres (questão do gênero), do patriarcado ao matriarcado, preconceito, jovens quilombolas, jovens negros e de comunidades tradicionais. As metodologias devem ser diferentes e assegurar toda essa diversidade.

A formação através da Educação Popular é o caminho.

A metodologia deve ter a comunicação digital.

Essa metodologia deve ser Freiriana e ter sistematização.

Organização de mulheres com as cadernetas agroecológicas. É importante ter uma ferramenta que dê visibilidade a tudo que as mulheres produzem, como as cadernetas agroecológicas.

Na estruturação da metodologia temos temas que são muito caros, como: as desigualdades de gênero, desigualdades geracionais e como elas se estruturam.

## **Outras Recomendações**

Falar de conectividade, a utilização de aparelhos (computadores, celulares, etc) para melhor aproveitamento destes recursos. Dar conectividade e acesso aos dispositivos eletrônicos para esses jovens e essas mulheres.

Na formação é preciso saber como compartilhar as ideias de forma dialógica.

## **GT 3 - A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de ATER com Povos indígenas e PCT**

**Mediação:** Aldete Fonseca e Carlos Sara (Seteq)

**Participantes:** Savina - Anater; Caio Menezes – professor/UFPI; Joana - comunidade tradicional de pescadores/Projeto Jandaíras/UFRPE; Ângela - comunidade de fundo de pasto/Projeto Baraúnas/BA; João Roberto - Embrapa; Nina Paula Laranjeira - Projeto ERA/UnB; Maria Mesquita - Fomento Rural/MDS; Reinaldo – indígena/UFRR; Iraci - Anater.

## **Objetivos**

Formar extensionistas antirracistas e contextualizados com os territórios e com os povos.

### **Concepções**

Formar para o respeito a outras formas de conhecimentos.

Oferecer formação política e sobre direitos dos PCT – políticas e conflitos fundiários, terra e território, protocolos de consulta prévia.

Formação de formadores com formação continuada.

Povos devem formar povos.

Basear a formação em Planos elaborados pelos povos, a exemplo do *PNGATI*: Plano Integrado de Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas e do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.

Incluir políticas públicas e para PCT na formação.

Conhecer as organizações sociais de PCT, câmaras, conselhos e fóruns de participação.

### **Diretrizes Metodológicas**

Formação contextualizada, nos territórios, pela prática.

Metodologias voltadas para o conhecimento sobre os territórios onde vivem.

Formação por pedagogia a alternância.

### **Outras Recomendações**

Intersecção com outras áreas (saúde, educação, economia, cultura, assistência social).

Levar as “concepções” para o Suater.

Instituições formadoras devem avançar na regulamentação para titulação de notório saber de representantes de PCT .

O debate sobre PCT deve entrar na formação básica de todos extensionista.

Refletir sobre os projetos que chegam para os povos.

### **GT 3 VIRTUAL – A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de Ater com Povos indígenas e PCT**

**Mediação:** Caio Mota (MDA)

**Participantes:** Cláudia Lúcia Soares de Oliveira; Caio do Nascimento Mota/UFPI; Marina Caldas Verne; Cláudia Lúcia Soares de Oliveira; Carlos Alberto/CONFREM BRASIL

## **Objetivos**

Basear-se na diversidade das identidades desses públicos e no respeito às dinâmicas e visões de mundo que esses povos e comunidades construíram socialmente. O técnico deve ser capaz de identificar as demandas das comunidades e trabalhar a partir delas, nunca levar conteúdos prontos. Deve ser capaz de fomentar a discussão local, quando esta ainda não estiver encaminhada e sempre promover a construção coletiva, de acordo com os interesses e desejos gestados pelo público que se busca atender.

## **Concepções**

A participação de todos os segmentos das comunidades a serem atendidas pela Ater, a partir de estratégias que assegurem voz a todos e garantam avanços nas pautas de reivindicações das comunidades. O estímulo às discussões e a construção de soluções locais ou adaptadas às realidades vividas, porém de escolha local e jamais impostas.

Respeito à identidade dessas comunidades.

Assegurar a participação.

Olhar Holístico.

População atendida na plenitude das suas necessidades.

Sentido do diálogo, de participação.

Trazer agentes de Ater locais para as Chamadas Públicas.

Garantir a participação das mulheres.

Ter um percentual mínimo de mulheres envolvidas nos debates.

Espaços para as crianças, para que as mulheres possam participar.

Considerar concepções de mundo de povos tradicionais.

Considerar modos de vida, cultura e o tempo dos povos. Tempo diferenciado, modo de vida diferenciado, outras formas de reprodução da vida e forma de passar conhecimentos.

## **Diretrizes Metodológicas**

Método participativo, de experimentação, de troca de saberes, de valorização das vivências e do modo de vida locais.

### **Outras Recomendações**

Que os agentes de Ater tenham um olhar integral sobre as comunidades, entendendo-as como um universo com demandas próprias e diversas, sendo capaz de endereçar outras políticas públicas para o atendimento pleno das expectativas e necessidades locais.

### **GT 4 - A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de Ater com Assentados e assentadas da Reforma Agrária**

**Mediação:** Dileia/INCRA

**Participantes:** Heloisa/Emater; Rachel - terras indígenas /UFRR; Lauana - pesquisadora projeto ERA/UnB

### **Objetivos**

SAN - Segurança Alimentar e Nutricional.

Sensibilizar e preparar para a conservação ambiental e uso sustentável dos recursos (produção sustentável).

Instrumentalizar para a inserção nos mercados e acesso às Políticas Públicas, valorização e geração de renda.

Trabalhar o acolhimento da comunidade e desenvolvimento da autonomia.

Estudar políticas específicas para as comunidades, segundo a sua organização.

Esclarecer normas, regras e legislação.

Debater a co-criação de soluções integradas.

Preparar técnicos para o desenvolvimento comunitário e humanitário.

Integração dos conhecimentos da comunidade e sociedade para desenvolvimento de conhecimento e experiências.

### **Concepções**

Prioridade para o bem-estar na comunidade.

Autonomia do sujeito para realização de seus projetos e atividades.

Trabalhar o bem-viver.

Respeito às especificidades e diversidade cultural.

Basear-se dar visibilidade às leis de desenvolvimento rural (Pnater, Cnapo) já estabelecidas como também ouvir os movimentos sociais.

Continuidade e permanência das ações dos projetos de extensão.

Formação cidadã - respeito à diversidade, leitura do contexto, solidariedade, círculo de cultura e tolerância, transição geracional.

O técnico de Ater tem que saber trabalhar de modo multidisciplinar.

Direito e acesso à terra.

Valorização dos produtos da sociobiodiversidade.

Qualificação (formação e currículo) dos profissionais para atuação em assentamentos da reforma agrária

Capacidade operacional (técnicos acompanham muitas famílias, precisando de mais técnicos para diminuir essa quantidade de famílias atendidas por técnico)

Diálogo maior com os princípios institucionais da Pnater.

Desenvolvimento rural sustentável, ressaltando o que se espera desse desenvolvimento rural para os assentamentos rurais. Desenvolvimento social e político, para a garantia de direito fundamental.

### **Diretrizes Metodológicas**

A metodologias devem ser participativas em todas as etapas.

Abranger todos os assentados da reforma agrária

Inclusão de conhecimentos tradicionais e experiências importantes, além do técnico.

Processo de comunicação das ações pelos beneficiários (exposição das suas experiências vividas).

Uso estratégico dos meios de comunicação (comunicação dialógica), integração com os conhecimentos tradicionais, mantendo uma comunicação continuada.

Educação popular.

Emancipação da Ater para continuidade dos projetos.

Falta o respaldo do desenvolvimento rural para assentamento, discutir a concepção dos assentamentos com os formandos e assentados, para que as pessoas possam se ver como comunidade para trabalhar as diferenças.

Práticas que permitam a garantia a emancipação da comunidade.

### **Outras Recomendações**

Reforma agrária, garantia da terra e fortalecimento do INCRA.

Retorno à plenária sobre as discussões relevantes do Grupo de Trabalho de assentamento de reforma agraria: alternativas de articulação com a comunidade, integração com as esferas de diversos níveis dos territórios.

Respeito e acolhimento, ressaltando a questão de raça e gênero.

Desenvolvimento de habilidades sociais.

Formação continuada dos extensionistas com uma periodicidade maior.

Criação de um instrumento adequado para fazer a retroalimentação do processo de formação.

Ater deve ser mais generalista do que especialista.

Mais “construir conhecimento” do que “transferir conhecimento”.

Dar o mesmo peso para social, ambiental e produtivo.

Identificar ou fortalecer lideranças comunitárias.

Entender o caráter multifuncional do campo.

Envolver os diversos setores produtivos.

Englobar os núcleos urbanos e periurbanos na discussão de desenvolvimento rural.

### **GT 4 VIRTUAL – A formação de Extensionistas e agentes pensada para abordagem de ATER com assentados e assentadas da Reforma Agrária**

#### **Objetivos**

Fornecer informações e concepções metodológicas para que extensionistas e agentes de Ater tenham condições de se comunicar com seu público de forma contextualizada e construtiva, sobre modos de viver melhor, mais saudável e mais produtivo no campo.

Criar raízes e comunicação clara, de forma a fazer com que o assentado se sinta confortável na conversa e que extensão ocorra de maneira natural agregando conhecimento.

Desenvolver habilidades: comunicação, liderança, trabalho em equipe, resolução de problemas, negociação e gestão de projetos.

Trazer conhecimentos sobre: sistemas de produção, agroecologia, políticas públicas, economia rural, sociologia rural e gestão de recursos naturais.

Promover a aprendizagem: por meio de metodologias participativas, incentivando a troca de experiências e o aprendizado colaborativo.

Fortalecer a autonomia: dos agricultores, incentivando a tomada de decisões e o desenvolvimento de suas capacidades.

Fomentar a sustentabilidade: social, ambiental e econômica, promovendo práticas agrícolas sustentáveis e a valorização da cultura local.

### **Concepções**

Comunicação, associativismo, formação continuada, crédito rural, atividades formativas de médio e longo prazo (4 a 6 anos mínimo). Diferenciação entre Assistência Técnica e Extensão Rural, Agroecologia, valorização do conhecimento tradicional e local, participação ativa dos agricultores, políticas públicas de apoio e conservação de recursos naturais.

A extensão rural como processo: dinâmico, contínuo e adaptável às necessidades dos agricultores e às mudanças do contexto.

O agricultor como sujeito: ativo e protagonista do processo de desenvolvimento, com conhecimentos e saberes a serem valorizados.

A interdisciplinaridade: como elemento fundamental para a compreensão da complexidade do sistema agroalimentar.

A participação: dos agricultores na definição das prioridades e na execução das atividades de extensão.

A territorialidade: considerando as especificidades de cada região e a importância da cultura local.

### **Diretrizes Metodológicas**

Prout (Máxima Utilização Progressiva filosofia indiana), associativismo, cooperativismo, metodologias participativas, colaborativas, Comunicação Não violenta, equipes multidisciplinares, formação de formadores; cursos práticos; metodologias participativas: círculos de conversa, oficinas, visitas técnicas, entre outras.

Aprendizagem baseada em problemas: a partir de situações reais enfrentadas pelos agricultores.

Estudos de caso: para analisar diferentes realidades e experiências.

Uso de tecnologias: para facilitar a comunicação e o acesso à informação.

Avaliação contínua: para acompanhar o progresso dos participantes e ajustar as atividades.

### **Outras Recomendações**

Formação contextualizada (Pronara/Estatuto da Terra/Lei de Agricultura Familiar); avaliação continuada.

Tratar na formação temas como: Ecologia de Saberes; Educação Popular; educação antirracista; educação para a participação em todas as fases; articulação com instituições: universidades, centros de pesquisa, cooperativas e outras organizações da sociedade civil.

Monitoramento e avaliação: do processo de formação, para garantir a sua qualidade e o alcance dos objetivos.

Divulgação dos resultados: para compartilhar as experiências e os aprendizados com outros profissionais e instituições.

Investimento em recursos humanos: para garantir a qualificação dos extensionistas.

Atualização constante: dos conhecimentos e das metodologias utilizadas.

### **DIA 08 DE AGOSTO DE 2024**

#### **IV – RODAS DE DIÁLOGO: Intercâmbio de saberes e práticas na ação dos projetos de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER**

##### **GT 1 – Mediação: Marenilson Batista da Silva**

##### **Participantes:**

Lanns Alves de Almeida Filho/Bahiater; Francisco de Oliveira Mariano/Anater; Nair Arriel; Frederico Lisita; Júlia Stuchi/Embrapa; Rodrigo Ferraz/Embrapa; Nina Paula Laranjeira/Projeto ERA/UnB; João Roberto/Embrapa; Joseildo/Anater

**Questão orientadora** - “O que destaco da minha experiência para trazer para este debate sobre o Marco de Referência e sobre o Plano de Formação?”

##### **Saberes e práticas apresentadas:**

Gerência de Ater, Formação e Qualificação/Anater  
Embrapa Algodão/Campina Grande  
Superintendência/Bahiater  
E-Campo e Ater + Digital respectivamente/Embrapa  
Projeto ERA – Extensão Rural e Agroecologia/UnB

### Experiência 1 — Gerência de Ater e Formação/Anater

Mariano

Trouxe a experiência de formação da Anater, com suas particularidades, pois é voltada às chamadas públicas (programas) e respectivas contratações. A formação abrange também a parte metodológica e está sempre voltada a determinado programa, cujas diretrizes são dadas pelo Dater; a formação é montada a partir destas diretrizes. Há dois tipos de formação: a instrumental e a formação continuada dos agentes. Atualmente trabalham mais com a instrumental, com orientações iniciais para os programas, tendo como temas as diretrizes de cada programa, bem como ferramentas metodológicas, por exemplo: DRP, diagnóstico das unidades familiares, elaboração de projetos produtivos junto com as famílias. Projetos produtivos e relatórios tomam muito tempo; os relatórios devem ter os conteúdos específicos definidos nas chamadas. Ensina-se sobre o Sistema de Gestão de Ater (SGA) – formulários, cadastros, indicadores, projetos produtivos por famílias, atividades coletivas. Só é possível avançar no plano de trabalho quando as etapas vão sendo vencidas. Os projetos produtivos devem se relacionar com os indicadores. Avalia que uma semana não é suficiente para trabalhar todas as diretrizes e metodologias, além do Sistema (SGA).

A formação continuada ainda não foi executada, precisam da parceria com o Dater, Condrat e demais parceiros para isso. No Programa Ater Mulheres, Dater e MDS contribuíram na formação continuada.

Ofereceram, em 2023, 51 cursos – a maior parte presencial – a formação inicial (instrumental) é presencial. As formações virtuais foram para programas já iniciados antes de 2023. No virtual a participação é mais difícil. A demanda é alta e a equipe não consegue atender a tudo e vários formadores foram contratados. Vão abrir novos processos para contratação de formadores.

### Experiência 2 — Embrapa Algodão/Campina Grande

Nair Arriel

Trouxe a experiência de mais de 20 anos, com vários parceiros, do Programa Dom Hélder Câmara e atualmente há um TED assinado com o MDA.

Trabalham com 3 premissas: contexto, interação e ética, no cultivo do algodão agroecológico, consorciado com alimentos. Fazem a formação de técnicos. A UAPP – Unidade de Aprendizado e Pesquisa Participativa - é uma ferramenta de aproximação, que por vezes se conecta também com escolas, que trabalham o algodão como elemento da realidade local.

Frederico Lisita

O projeto com TED do MDA fortalece o algodão agroecológico nos 9 estados da região NE e no norte de Minas Gerais e foi idealizado a partir de iniciativas bem sucedidas do algodão no semiárido. Na década de 1980, era a principal cultura para geração de renda no semiárido, por meio do consórcio algodão – pecuária, mas declinou com o aparecimento do algodão sintético; agora está sendo retomado. Trabalham com 4 premissas: parceria; agroecologia (pensando na saúde do trabalhador e do consumidor, no equilíbrio ambiental e na redução de custos); consórcios agroalimentares, de acordo com a cultura de cada região (gergelim, amendoim, feijão, animais – plantio em linhas intercaladas); comercialização justa (a colheita manual melhora a qualidade da fibra, em função da maior limpeza do algodão), com o incentivo ao processamento inicial, como a retirada do caroço. Utilizam a UAPP – Unidade de Aprendizado e Pesquisa Participativa – em propriedades receptivas, abertas a inovações e ao compartilhamento dos conhecimentos: trocas de saberes, aprender fazendo, integração de produtores, inclusive de outras regiões e estados. As demandas das pesquisas partem dos agricultores.

### Experiência 3 –Superintendência da Bahiater

Lanns Alves de Almeida Filho

Começou falando do desafio do tamanho do território do Estado da Bahia, com seus quase 15 milhões de habitantes, mais de 500 mil famílias de agricultores e 4 biomas. O desafio da formação é também grande. O SETAF (Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar) trabalha com a divisão territorial do Estado desde a gestão de Jaques Wagner (projeto de lei de 2007): são 27 Territórios de Identidade. A construção desta divisão foi feita com a CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) e a UFBA. Atuam a partir da divisão territorial junto com a CAR, INEMA, Saúde e Vigilância Sanitária, com recursos do PPA. Hoje são 960 agentes de Ater em campo, formados pelas EFA (Escolas Família Agrícola), Institutos Federais e escolas estaduais de formação – níveis técnico e tecnólogo. Os resultados das chamadas públicas trazem boas novidades.

Observa que há uma defasagem entre a realidade em campo (principalmente da juventude) e o Estado/Universidade. Há também disparidade de salários entre técnicos de diferentes programas: do Estado e de consórcios públicos formados por prefeituras. O Estado investe em algumas culturas via consórcios (combustível, veículos, salário para técnicos). No Estado, usam o aplicativo Coletum para levantamentos em campo e acompanhamento das atividades dos técnicos em campo – atualizam o sistema às 11:30 e às 16:30 e podem

acompanhar o trabalho dos técnicos. A partir de 2023 trouxeram os componentes social e ambiental, pois antes era mais técnico/agronômico.

Afirmou que há certo romantismo na forma como vemos o agricultor e que não estamos dialogando com a juventude do campo: o jovem quer inovação, possibilidade de criar. Reforça a defasagem entre o que as pessoas querem (sobretudo a juventude) e o que oferecemos.

#### Experiência 4 — Embrapa – Sobre E-Campo e Ater + Digital, respectivamente

Rodrigo Ferraz

Ater + Digital – entendida como complementar a E-campo, é pensada para o extensionista que visita cada produtor de 4 a 6 vezes por ano e a plataforma é complementar, nos momentos em que o técnico não pode estar, mas se comunica com as famílias que atende. Observa que a Ater remota é feita há muitos anos e que a Ater digital pode ser usada presencialmente também. Abrange conteúdos desde o plantio à comercialização, de diferentes instituições e formatos. O extensionista disponibiliza o material de acordo com a demanda do produtor. Serão criados 30 polos, 9 já estão em funcionamento. Duas cadeias produtivas já disponíveis: apicultura e batata doce. Os produtores vão recebendo conteúdos paralelamente à visita do técnico. A Ater + Digital é pensada para o uso no celular, os conteúdos são feitos para compartilhamento pelo *Whatsapp*. São cerca de 550 acessos por dia, com média de 11 minutos por usuário. Há bibliotecas virtuais.

Júlia Stuchi

*E-Campo* é uma plataforma digital com capacitações *online*, com metodologias de EaD e certificação. São 17 mil inscritos por mês, e mais de 1 milhão de inscrições desde que começou; 51% são estudantes. O E-campo tem uma rede de 154 pessoas, em 43 unidades da Embrapa, cada uma com pelo menos um ponto focal e um curso ofertado. É retroalimentada constantemente pelos participantes. Agora farão cursos pensando em pessoas com baixo letramento, mais acessíveis. Já alcançaram mais de 5000 municípios e 127 países e têm a meta de traduzir os cursos para espanhol e inglês. Trabalham com metodologia interessante que vai do planejamento à avaliação. Há vários TED do MDA para elaboração de cursos. A faixa etária atendida é predominantemente de 20 a 39 anos. Atualmente são 143 capacitações ativas e 56 em desenvolvimento.

#### Experiência 5 – Projeto ERA/UnB

Nina Paula Laranjeira

Apresentou resultados preliminares de projeto de pesquisa sobre formação, que é parte do Projeto ERA (Extensão Rural e Agroecologia), desenvolvido pela UnB, em parceria com o

DATER/SAF/MDA, por meio de Termo de Execução Descentralizada - TED. O projeto visa subsidiar o MDA na definição de estratégias e arranjos metodológicos para a formação de extensionistas, no âmbito da PNATER.

São objetivos deste projeto: i) identificar experiências de formação e metodologias a elas associadas, bem como sua efetividade; ii) caracterizar as experiências, identificando que elementos são mais importantes para esta efetividade; iii) criar indicadores de avaliação para experiências formativas e de ação em campo (metodologias).

A metodologia consiste no estudo de experiências de universidades que hoje têm projetos de formação financiados pelo MDA via TED – Termo de Execução Descentralizada, assim como de experiências em curso ou finalizadas, executadas pela sociedade civil. As seguintes entidades/instituições já foram consultadas: i) da sociedade - Rede Ater Nordeste de Agroecologia, Contag, Asbraer, Faser, Unecafes e Unefab; ii) universidades – UFG, UFRPE, UFRR, UERN, IFSP, UTFPR, UFPA.

A primeira etapa está sendo realizada por meio de entrevistas com coordenadoras/es ou pessoa de referência e lideranças de organizações da sociedade.

Paralelamente, realiza-se análise documental: publicações dos coletivos da sociedade civil, projetos e planos de trabalhos relacionados aos TED, projetos político-pedagógicos dos cursos de formação, e também documentos oficiais como: Plano Nacional de Formação de Agentes de Ater (PNFA – MDA, 2013), Fundamentos teóricos, orientações e procedimentos metodológicos para a construção de uma pedagogia de Ater (MDA, 2011), Relatório do Seminário Nacional de Ater (MDA, *no prelo*).

Como resultados preliminares, apontamos, sobre os projetos de Universidades Federais, a partir das entrevistas com 8 professoras/es relacionadas/os a 5 diferentes projetos. Observou-se que em termos metodológicos, todos os projetos têm em comum a utilização de metodologias que privilegiam a prática como componente importante e onde a formação das/os extensionistas ocorre por meio de cursos e ações em campo. Não raro, os cursos são oferecidos nas comunidades, onde extensionistas, jovens do campo e agricultoras/es participam juntos. Desta forma, as ações formativas em campo, a forma como são organizadas e as comunidades mobilizadas e envolvidas nas ações, definem a efetividade da ação formativa. Lembrando que a forma como as ações em campo são desenvolvidas caracterizam a metodologia de mobilização e sensibilização que estudantes e extensionistas poderão aplicar enquanto profissionais. A caracterização desta metodologia de ação em campo deverá ser melhor definida durante as visitas de campo. Lembrando que, de acordo com o contexto local as metodologias devem obrigatoriamente variar e, quanto mais preparada a universidade para a ação comunitária (ou seus parceiros), mais estas metodologias podem ser apreendidas pelos educandos.

Nas ações das universidades, uma arquitetura comum é a formação de estudantes de graduação (em geral bolsistas), jovens das comunidades (formados como agentes locais) e extensionistas profissionais. Desta forma, a formação atende a demandas de melhorar a formação para a Extensão Rural nas universidades, assim como a demanda de formar jovens

que, nos territórios, tornam-se lideranças que conhecem seus territórios – potencialidades e demandas – e são também capazes de buscar conhecimentos necessários para a solução de problemas identificados. A formação de jovens, como agentes locais, foi uma demanda da sociedade civil, identificada durante o Seminário Nacional de ATER.

A maioria dos projetos estudados tem também em comum as parcerias entre universidades (ou entre diferentes campi da mesma universidade), e comumente com organizações da sociedade civil ou movimentos sociais. Nota-se que a presença de organizações ou movimentos sociais mais estruturados facilita em muito as ações, não só pelo suporte logístico e organizacional das atividades, mas principalmente porque a presença destas organizações colabora em muito com a mobilização e organização comunitária. Entende-se que a organização comunitária é elemento central para o fortalecimento e o desenvolvimento dos territórios, e observa-se que quando as universidades estão mais preparadas para ações comunitárias – domínio de habilidades de mobilização e mediação de conflitos – é mais fácil atuar.

A maior parte dos projetos oferece, em um contexto de mobilização das comunidades, cursos curtos de formação, sobre temas específicos, selecionados a partir da prospecção de demandas levantadas nos territórios. Estes cursos envolvem extensionistas, estudantes e agentes locais (jovens, quando presentes). Sendo oportunidades formativas importantes para todos estes grupos e promovendo o diálogo entre eles, que é fundamental para as ações de extensão rural.

As temáticas estudadas durante os processos formativos, em boa parte dos projetos, parecem estar mais voltadas para produção e comercialização, sendo que a Agroecologia é entendida como basilar para a maioria dos projetos. A discussão metodológica parece estar mais concentrada nos momentos de troca no âmbito mais interno dos projetos, e acontece na prática de campo, o que nos parece um ponto muito positivo, e que merecerá detalhamento a partir da coleta de dados primários.

Sobre os levantamentos junto à sociedade, foram entrevistados 5 representantes das seguintes organizações e movimentos sociais: Unefab, Rede Ater Nordeste de Agroecologia, Contag, Asbraer, Faser e Cenater.

A Unefab foi nossa primeira entrevistada, em função do reconhecimento do trabalho das EFA e a pedagogia da alternância, que já vem mostrando resultados há muitos anos, o que foi referendado pela fala de algumas organizações, que recomendam esta experiência como exemplar, devendo ser melhor estudada.

Rede Ater NE e Cenater não tem programas específicos de formação de extensionistas, entretanto fazem formação a cada edital ou chama pública que participam e aprovam projetos de Extensão Rural. No caso da Contag, sua Escola Nacional de Formação, dedica-se à formação de sindicalistas e lideranças, na qual trabalham a Agroecologia, com ênfase nas questões políticas. Asbraer e Faser, também não tem programas de formação para Ater, sendo que a formação é realizada pelas filiadas, no caso da Asbraer, a cada vez que novos técnicos são contratados. Mas a Faser tem grupo de trabalho onde debatem a extensão rural

pública, a Anater e especialmente sobre o papel das empresas públicas no cenário atual de mudanças de emergências climáticas, de combate à fome e conjuntura política atual.

Solicitamos aos entrevistados indicações sobre experiência que considerem que devem ser estudadas e dois deles indicou a experiência das EFA, CEFFA e CFR, todas são escolas comunitárias, criadas e geridas pelas famílias agricultoras e suas associações, que formam agentes de extensão rural em nível médio (técnico).

Sobre as demandas de formação identificadas pelas organizações, foram indicadas: metodologias, principalmente as inovadoras, que trabalhem os princípios da Pnater; a participação das mulheres; a inclusão dos jovens e a sucessão rural; as mudanças climáticas e Agroecologia.

### **Participação da Roda:**

Representante da Bahiater: informou que estão montando um Centro de Inteligência das Ruralidades Baianas, que funcionará como um Hub, e pretendem atrair principalmente a juventude. Em resposta a Nair, coloca a questão – queremos monitorar o técnico ou a evolução da família? Identifica esta “crise”, se é mais importante o controle da atividade ou saber se funciona, ou seja, monitorar o resultado da atividade e os indicadores de impacto. Chegaram a ter 170 famílias por técnico, mas não funciona; na chamada pública Ater Biomas conseguiram reduzir para 86 famílias/técnico; nos consórcios, são 30 a 50 famílias/técnico, e usam as unidades de referência.

Pesquisado da Embrapa: trouxe a experiência do Sistema Participativo de Garantia, na Embrapa de Alagoas, onde o uso do *Whatsapp* teve papel importante para realizar trocas. E pensa como tornar mais inclusivo o sistema digital para que o agricultor tenha mais autonomia e a rede sociotécnica funcione. Falou também da necessidade de evoluir para uma formação que vai além da produção, mais voltada para os processos, metodologias, indo de encontro às demandas da juventude. O potencial criativo deveria ser a base para repensar esses usos. Pergunta ao representante da Anater se a formação é descentralizada, regionalizada.

Pesquisado da Embrapa: observa o papel do audiovisual, principalmente se é produzido no próprio território, com um resultado muito bom, sobretudo entre os jovens. Observa que fazer pequenos vídeos para as formações, com linguagem adequada, é uma demanda identificada. Precisa de pessoas para fazer isso.

Professora da UnB: o desafio de pensar a partir das experiências, o que orienta a diversidade. Traz a questão: o que é formação e o que é instrução. Há muitas coisas que são somente instrução, entretanto, questiona se para transição agroecológica, construção do conhecimento e diálogo de saberes, a instrução é suficiente. Ainda precisamos avançar mais. Citou o exemplo das fichas agroecológicas. A construção das capacidades criativas vai além,

precisamos de formação para isso, criar ambiente de construção de conhecimento. Sobre as tecnologias digitais, observa que vivemos uma era tecnológica, mas precisamos estar atentos a estes portais, pois precisamos de competências na extensão rural para a comunicação, outra forma de lidar. Muita coisa que visualizamos não retemos, há mudança na cognição e na memória. O que não é debatido, aprofundado, não retemos e é preciso avaliar estas questões para o uso das tecnologias.

Professor UFPDPar: pergunta para Lanns sobre monitoramento e indicadores, pois para eles, cada programa tem seus indicadores, trabalham com tempo 0, 1 e 2. Pergunta como definem os indicadores na Bahiater.

Pesquisadora da Embrapa: informa que há um curso no E-campo sobre produção de vídeo.

Servidor da Anater: comunidade mobiliza e organiza para fazer o CAF? Fazer o CAF em si é fácil, pode ser aprendido em um vídeo, mas a parte metodológica, para mobilização e obtenção das informações necessárias necessita de formação presencial.

Representante da Bahiater: a escolha dos indicadores é desafiadora e é feita com a comunidade. O que mudou na vida de vocês? Muitas vezes a resposta é surpreendente, porque os indicadores tendem a ser mais produtivos e certa vez teve como resposta que o projeto tirou mulheres da depressão pela realização de um sonho. A saúde mental não havia sido aventada. Neste momento estão com um grupo de 12 jovens do campo, que estão sendo levados para diversas atividades, inclusive no exterior.

### **Síntese da Roda (por Júlia Stuchi)**

Ponto crucial identificado pelo grupo: diferença entre formação e instrução. A construção de capacidade criativa, forte na primeira, é necessária e as duas coisas devem caminhar juntas.

Existe uma defasagem entre o que as pessoas na “ponta” querem e o que levamos para elas, principalmente a juventude, que parece estar interessada em tecnologia, produzir e manejar máquinas.

A importância de monitorar a eficiência e o impacto das ações em campo: na paisagem e na vida das pessoas.

Dificuldade do técnico de Ater em mobilizar para o acesso a políticas.

### **GT 1 – Virtual**

#### **Participantes**

Fabício Santana Santos/MAPA; Daniel da Silva Gomes/UFGA; Débora Albernaz – Dater/SAF/MDA

**Questão orientadora:** O que estas experiências apontam para pensar o Marco de Referência e o Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater?

O desafio de aumentar a participação dos agentes de Ater, no uso da Plataforma *e-campo*, da EMBRAPA, com vistas a capacitação referente aos temas de Agroecologia, dentre outros relacionados à Ater!

As informações das experiências apontam para uma necessidade de articulação e planejamento entre as instâncias ministeriais federais (EMBRAPA), estaduais e municipais.

Necessário ter processos de certificação das formações para garantir qualidade.

### **Quais outras recomendações?**

Por que não utilizar a plataforma da Embrapa para incluir os cursos da ANATER para formação de Extensionistas das chamadas públicas?

### **GT 2 – Mediação:** Regilane Fernandes

**Participantes:** Roberto Marinho - AUP/UFRN; Júlio - Programa Fomento Rural/MDS; Vinícius Dalbianco - Universidade Federal do Pampa - fronteira Sul/RS; Mariella Uzêda - Quintais multifuncionais Embrapa Agrobiologia; Tarcísio Alves - Projeto Baraúna/PE; Cristiane Amâncio - Quintais multifuncionais/Embrapa Agrobiologia; Ana Paula Ferreira - Projeto Baraúna/PE; Elisa Carvalho Lauer – AUP/MDS e MDA.

### **Saberes e práticas apresentadas:**

Projeto Baraúna do Sertão/UFRPE

Agricultura Urbana e Periurbana/UFRN

Quintais multifuncionais/Embrapa Agrobiologia/RJ

Formação de Militantes/Universidade Federal do Pampa

### Projeto Baraúna dos Sertões

Ana Paula Ferreira e Tarcísio Alves

Ater agroecológica e feminista, principal foco de formação (temáticas de várias formações: tecnologia sociais, antirracismo, quintais produtivos)

Jovens e mulheres do semiárido, junto com outras redes do Nordeste, totalizando 24 entidades e 173 municípios. Curso de extensão e especialização voltados para Ater.

Ações: curso de especialização (para quem tem graduação) e curso de extensão (para quem não tem graduação), oferecido para: técnicos, agricultores e representantes de PCT, com participação de organizações parceiras, sendo 10 estados envolvidos. ASA (Articulação no Semiárido Brasileiro) é uma rede importante no processo. São 7 módulos, com aula uma vez por semana. Da organização, fizeram parte pessoas que irão fazer parte, a própria juventude construiu e vai participar. É ancorado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, e além dos professores da universidade terão pessoas de notório saber que irão dar aula. Nos trabalhos de conclusão de curso são usadas metodologias criativas de produção de conhecimento, que resultam em produtos como cordel, música, ... “território é um lugar de vida e queremos mostrar isso”. Uma bibliografia que questiona o modelo de Ater homogênea, quer mostrar a riqueza, que seja dinâmica, que apresente o feminismo, ligando um módulo ao outro, trazendo questões para pesquisar a sua comunidade e trazer resultados para o módulo seguinte. Horas 180 de aulas e 180 serão a compilação das experiências das organizações.

Quantos agricultores/ famílias?

Quantos agentes formatos? 300 sem graduação, 130 (aumentou para 170) com graduação.

Quantos territórios está alcançando?

Seminários temático, oficinas e intercâmbios e experiências exitosas para mulheres e jovens

Sistematização de Cadernetas Agroecológica e Lume

### AUP (Agricultura Urbana e Periurbana) apoiada na Economia Solidaria/UFRN

Roberto

O projeto construído baseou-se no que já existe de AUP no Brasil. Começando no Rio Grande do Norte, se expandiu para nove estados do Brasil, via universidades federais, sendo um projeto financiado por TED entre MDA e universidade (UFRN). O projeto ERA (UnB) também faz parte da parceria. Apresenta três grandes formatos:

1. transmissão do rural para urbano;
2. preocupação com a segurança alimentar e nutricional;
3. processos pedagógicos que são pautados pelos movimentos sociais de direito à moradia.

Foram mapeados 22 projetos de horticultura comunitária, aumentando para 30 diante das articulações. Cada projeto tem em torno de 36 mil, mas 15 mil de insumos, e terá ainda

recurso para Ater nessas áreas. É um projeto conceitual que articula a realidade, que é a horta voltada para prática e concepção da Agroecologia e fortalecimento da economia local, com o fortalecimento da base da economia solidária. Contribui com a diminuição da vulnerabilidade das famílias no âmbito da SAN. Estão na fase de mobilização em rede, somando 9 parceiros, sendo universidades e Embrapa.

O Projeto tem 4 eixos:

1. Agroecologia - economia, economia de água, solo e compostagem.
2. SAN - sociobiodiversidade, diversificação, aproveitamento dos resíduos da horta.
3. Fortalecimento de processos comunitários, comercialização justa e consumo sustentável, consumo através de feiras e grupos de consumo (articular produtor com consumidor), fundo rotativo comunitário, para que a horta possa ter continuidade posteriormente.
4. Mapeamento colaborativo de experiências de AUP.

Formação - curso de extensão em AUP - disponível no youtube.

Curso com as organizações que estão sendo selecionadas. Para a população que fará a horta, temos a estratégia de construção do plano participativo da implementação das hortas, para que a população se aproprie do projeto. Em cada projeto serão expostos os quatro eixos.

### Quintais multifuncionais/Embrapa Agroecologia/RJ

Mariella Uzêda

Serviços ecossistêmicos e adequação climática

O nexus entre alimento, diversidade e conexão com o território (os quintais) é conhecimento importante no âmbito de paisagem urbana, como uma paisagem que pode ser produtiva, sendo resiliente, e promovendo inclusão e SAN.

Ações de governança compreendendo a paisagem. Estão construindo uma cartografia social. Estão realizando visita às áreas para montar uma base cartográfica, estabelecer as estruturas dos quintais e entender o que as pessoas desejam, no âmbito das tecnologias que a Embrapa pretende trabalhar, olhar como uma oportunidade de capacitação e aprendizado.

Em uma paisagem de terreiro conseguem preservar um acervo grande do patrimônio alimentar associado a religião de matriz africana. As áreas de terreiro não estão impermeabilizadas, mostrando um cuidado de solo diferente.

O trato com o solo é uma questão de cuidado, porque não se tem solo saudável, por isso estamos olhando para a compostagem a partir dos resíduos que estão disponíveis. Outras possibilidades é a integração com as Pancs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) e abelhas, e geração de bioinsumos com a produção local. Depois monitorar os serviços

ecossistêmicos, valorização e empoderamento a partir dos serviços que eles geram, apresentando um papel de destaque diante da conjuntura vivida.

Proposição de um corredor agroecológico, e os quintais serem células dos corredores agroecológicos urbanos.

São 200 agricultores e capacitação em sete municípios na região de Caxias do Sul.

Atuam o NEA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e os coletivos de AUP enquanto movimento.

### Formação de militantes/Universidade Federal do Pampa

Professor Vinícius

Professor apresentou um documento sobre a Ater em assentamentos rurais do Incra em Santa Maria/ RS, para a construção de um marco referencial de extensão rural para assentamentos rurais. Traz sistematização de experiências de extensão rural no RS que são destaque, Ater ajudando na qualidade de água.

Fomento às atividades produtivas rurais, que existem há 13 anos, via Ministério de Desenvolvimento Social, com o programa de inclusão produtiva que trabalha com pessoas beneficiárias do Programa Bolsa Família (Cad único), ainda tem um outro recorte, para alcançar pessoas realmente pobres que estão na zona rural, dando uma perspectiva de geração de renda em parceria com o MDA. Esse programa atuação em parceria com a Universidade Rural do Rio Grande do Sul. O programa atua em duas frentes: insumo e Ater para os beneficiários.

Promover a formação de agricultores para implementar as atividades, são 22 técnicos de campo, atuando em 27 municípios de RS, com 970 famílias, implementando o recurso do fomento. Cada técnico tem que fazer 4 visitas para complementação e avaliação, sendo o principal foco a SAN.

Produção de cartilha com temas que serão implementados no fomento.

Pronaf - quantas famílias superam a pobreza e posteriormente acessam o Pronaf? As famílias têm medo de acessar o Pronaf, pela possibilidade de gerar uma dívida.

Outro projeto com o MS (Ministério da Saúde), carta acordo com o Observatório de Publicidade de Alimentos (OPA) - produção de um método para a implementação do guia alimentar que orienta toda a alimentação da população rural de RS.

**Questão orientadora:** Que elementos faltam para pensar um marco de referência para a formação de agentes de Ater?

### **Participação da Plenária:**

Representante do projeto Baraúna: pergunta a Roberto, como pensar em articular o projeto com feiras agroecológicas? E enumera três iniciativas: consumo de grupo sustentável, CSA (comunidade que sustenta a agricultura), feiras agroecológicas na própria comunidade (articulação com feiras que já existem, porém é alimentar a própria comunidade, caso haja excedente, fazer com que ele tenha escoamento na própria comunidade).

Representante do projeto Baraúna: as feiras estão concentradas em classe média e alta, pensar as feiras para alimentar a comunidade da uma outra lógica de produção.

Pesquisadora da Embrapa: Projeto Baraúna, falou das mudanças climáticas, como vão abordar isso?

Representante do projeto Baraúna: uma das ações do projeto (sobretudo na Paraíba) debatem sobre as energias renováveis, tem um histórico de resistência vindo das mulheres, de denúncia desses parques de energia eólica, pensar os impactos dos grandes empreendimentos no semiárido: energias eólica e voltaica.

Servidora MDS: Desafios da sinergia entre as Políticas Públicas que chegam. Tem diferença entre a unidade de pesquisa e ensino que oferta o serviço de Ater (aqui tem uma relação de vínculo, por estarem de forma mais permanente contribuindo com a formação da Ater) e a empresa terceirizada de Ater (chamadas e editais).

Participante não identificado: Presença muito forte da universidade pública, fazendo extensão e ensino de Ater. Objeto foge das cadeias tradicionais: mulheres, jovens, pobres, fugindo do comum, como também AUP. Algumas experiências precisam caminhar tentando construir uma ação que integre ensino, pesquisa e extensão. Todos os materiais são interessantes para avançar no debate.

Professor da UFRN: perguntou como é a formação?

Pesquisadora da Embrapa: Trabalhar Ater na extrema pobreza, não é falado e debatido, não está no marco rural. Dois aspectos: fomento no âmbito social e no âmbito produtivo, as populações em situação de pobreza respondem ao fomento produtivo, produzindo.

Pesquisadora da Embrapa: Quais os resultados queremos entregar no âmbito da AUP, diante esse processo? Qual o lugar da AUP nesse debate? Quase 50% estão ocupados por plantas medicinais, mostrando o cuidado que existe, sendo uma população proletária. Que grande contribuição AUP traz para essa população para melhorar a qualidade de vida e a SAN?

Participante não identificado: Desafio da conexão com os processos locais já existentes, precisam encontrar rede parceiras que mediam ações e processos locais. É preciso pensar que as ações precisam gerar processo de auto-organização locais, emancipação de grupos e fortalecimento dos sujeitos daquilo que já existe.

Fomento no Nordeste tem bastante tempo acontecendo, vincular à Ater é fundamental, precisa avançar na produção de alimento, como também o enfoque metodológico, como está sendo feita, para ter um efeito local. A abordagem para que o fomento não seja o principal, mas através dele ser um processo de formação.

Formação de agente de Ater passa por vários segmentos (universidades, centro de pesquisa - Embrapa) e pelo desenvolvimento aplicado na prática cotidiana. Embrapa precisa repensar sua forma de atuação e ter uma relação mais próxima com as demandas locais. Os movimentos e OnG têm um papel importante no território, de vínculo e histórico, com ancoragem territorial e respaldo social. As empresas de Ater, via chamamento público, são um segmento novo. Este tipo de Ater é uma abordagem que está sendo muito problemática, pois não conhecem o território de atuação.

Professor da UFRN: Quem são os agentes de Ater para AUP? Não sabemos. Mas estamos reconhecendo mulheres na comunidade, que fazem esse tipo de atividade, assim gostaríamos de pagar uma bolsa para essas mulheres.

Coordenadora no Dater: Como pensar o ensino, pesquisa e extensão para quebrar as caixinhas e conseguir dialogar de uma forma mais ampla?

Quais os resultados queremos entregar no âmbito da AUP, diante esse processo? Qual o lugar da AUP nesse debate?

Quem são os agentes de Ater para AUP?

Pensar no modo de articular a universidade para dentro da comunidade, além das pessoas com graduação.

Pedagogia - construir o seu plano de ensino, recorte por bioma.

Ter processos para desenvolver metodologias criativas.

O que é o periurbano, qual a sua concepção?

Circuitos agroecológicos (corredores e serviços que podem fazer interface entre os territórios).

Finanças solidárias, metodologias de auto-organização de finanças das organizações.

Embrapa - Quintais Multifuncionais e MDA- Quintais Produtivos, alinhar essa questão.

### **Síntese da Plenária:**

Como pensar o ensino, pesquisa e extensão com os projetos que estão sendo expostos neste Encontro. É necessário quebrar as caixinhas dessas dimensões e conseguir dialogar de uma forma mais ampla para a construção do conhecimento de formação dos agentes de Ater.

Finanças solidárias, metodologias de auto-organização de finanças das organizações, para garantir a sustentabilidade das ações após a finalização dos projetos. Como também metodologias de auto-organização das entidades.

Qual o lugar da AUP nesse debate? Quais os resultados queremos entregar no âmbito da AUP, diante destes processos que estão sendo discutidos aqui? Quem são os agentes de Ater para AUP, estão preparados para atuar nessa realidade?

Ater para inclusão socioeconômica e Ater orientada para a aplicação do fomento. Como são os processos de formação em Ater para trabalhar com a extrema pobreza?

Guia alimentar é o documento mais forte para enfrentar as grandes indústrias de ultraprocessados de alimentos.

## **GT 2 – Virtual**

**Participantes:** Josinete Maria Pinto/ Centro de Ação Comunitária CEDAC; Leda Lorenzo Montero/ Universidade federal de São Paulo (Unifesp)

**Questão Orientadora:** O que estas experiências apontam para pensar o Marco de Referência e o Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater?

### **Síntese do GT:**

É importante pensar no marco de referência e apoio dos agentes de Ater para a agricultura urbana e periurbana (quintais produtivos) dentro da perspectiva da educação popular e economia solidária.

Há necessidade da formação de agentes técnicos de Ater para promover a mudança e transitar do modelo do agronegócio para uma agricultura de base agroecológica e familiar. Para isso, sugerimos:

- \* Criação de Programa Nacional de Formação Continuada para quem trabalha com Ater.
- \* Oferecimento de processos formativos de Ater desvinculados dos cursos formais de Agronomia com foco em formação de agentes locais, garantindo a permanência da Ater nos territórios.
- \* Inclusão de conteúdos teóricos sobre Agroecologia e Economia Solidária, Associativismo, etc, nos cursos de Agronomia (estratégia de longo prazo).
- \* Incluir os agricultores nos processos de formação e assistência Ater.
- \* Considerar a importância da educação popular e da troca de saberes. Criar formas que possibilitem que os agricultores e comunidades contribuam efetivamente para os processos

de formação de Ater: incorporar os saberes locais desde o início das formações em Ater (saberes e percepções locais como ponto de partida).

- \* Fazer o monitoramento com participação da comunidade, para que eles se apropriem do processo e que este tenha continuidade nos territórios.
- \* Juntar os jovens com as lideranças locais nos processos formativos, de forma a garantir a permanência nos territórios (jovens como multiplicadores) e a manutenção dos saberes locais (passados pelos mestres e mestras para as novas gerações).
- \* Incluir dimensões além da produção nos processos de formação de Ater. Ressaltamos a importância de considerar: associativismo, cooperativismo, economia solidária, beneficiamento, escoamento, geração de renda, gestão financeira, etc.
- \* Valorização das EFA (Escolas Família Agrícolas).
- \* Inclusão da agricultura urbana e periurbana (AUP) nos processos de Ater, considerando as especificidades territoriais da AUP.

### **Quais outras recomendações?**

Por que não utilizar a plataforma da Embrapa para incluir os cursos da Anater para formação de Extensionistas das Chamadas Públicas?

### **GT 3 – Mediação:** Elaine Cristina Ramos (Dater/SAF/MDA)

**Participantes:** Caio Menezes - Professor de Agroecologia e Extensão Rural/UFPI; Betty Nogueira Rocha – Professora/UFRRJ; Luis Felipe Paes de Almeida – Professor/UFRR; Cesar José de Oliveira - Diretor da Emater/RN e Vice- presidente/Asbraer; Cláudia Souza – Consultora/GIZ; Maria Aldete Fonseca - Seteq/MDA; Wdson de Oliveira - Ministério da Igualdade Racial; Arlan Milhome – MMA; Raissa – Estudante/IFB; Leonardo Queiroz Correia - Coordenador-Geral de Gestão de Paisagens Rurais/MMA.

### **Saberes e práticas apresentadas:**

Projeto Jandaíras/UFRPE

Agricultura Urbana e Periurbana/UFRRJ

Formação no Instituto Insikiran/UFRR

Formação na Emater/RN

## Formação em Bioeconomia e Cadeia de Valor/GIZ (não é um TED)

### Projeto Jandaíras na UFRPE/PE

Professor Caio Menezes - Agroecologia e Extensão Rural

Uso mais inteligente dos recursos públicos, 37 grupos do NE e NO de MG: povos de terreiro, ciganas, catingueiras, indígenas, pescadoras artesanais, extrativistas.

Execução de dentro da comunidade para fora.

4 dimensões: 1. Gênero: Mulheres - de mulheres, com mulheres para mulheres; 2. Olhar para o Território; 3. Identidade; 4. Produção (atividades produtivas). Ex. artesãs, fábricas de sabão, licor, mariscos.

Importante atenção à produção: qualificação, equipamentos, fortalecimento de identidade, fortalecimento de grupos produtivos, encontro entre as mulheres (formação de rede de grupos de mulheres).

### Agricultura Urbana e Periurbana na UFRRJ

Professora Bety Rocha

Equipe recém criada, região metropolitana do RJ (baixada fluminense – município de Xerém) região pobre e vulnerável, milícias, tráfico de drogas que afetam as organizações da sociedade civil. São 2.7 milhões no RJ em insegurança alimentar. Instituto Zeca Pagodinho parceiro, ações e plantio de hortas, plantio de plantas medicinais como atividade terapêutica.

Oficinas de concertação – definir demandas, expectativas, dores, alternativas, entender a realidade.

Produziram uma cartilha – caracterização sociocultural a partir de dados secundários – 4 eixos de ação: 1. comercialização; 2. formação e capacitação; 3. Economia Solidária; 4. Agroecologia.

### Formação no Instituto Insikiram/RR

Professor Luís Felipe

Território Indígena Yanomami fortalecimento da Segurança Alimentar no Território Yanomami. Difícil acesso, só de avião, a um custo de R\$ 5 mil/hora. Imersão no território, visitas, comunidades Ye'kwana e Sanomã (cosmologias diferentes). Fatura de frutas, alimentos da roça (mandioca). Não existe Ater no território. Nos Ye'kwana há uma escola

construída por eles mesmos. Realizaram diagnóstico, identificando problemas, conflitos, vão fazer extensão rural. São 50 jovens disseminadores de Segurança Alimentar e Nutricional e Agroecologia. Curso de 160 horas sem definição ainda de temáticas, além de viveiros, piscicultura, intercâmbio para conhecer experiências exitosas de agricultura e agroecologia.

### Formação na Emater/RN

Cesar - Diretor da Emater e Vice- presidente/Asbraer

São 52 mil agricultores, 94% do semiárido, produção de subsistência, diversidade. Há 24 comunidades que se declaram indígenas e 34 quilombolas, 10 territórios rurais (produção para exportação). Há um programa estadual de semente crioulas e um programa de produção de algodão agroecológico com várias parcerias. Como implementar um processo de formação e qualificação de jovens e adultos do campo, núcleo familiar de agricultores com CAF, quilombolas indígenas, etc, inspirados no Pronera, EFA e outras iniciativas?

GENTE DO CAMPO, como acessar? Através da UFRN: graduação e especialização (pós-graduação, inovações e estratégias de Assistência Técnica para Agricultura Familiar) parceria com AS-PTA (Método Lume). A seleção se dá por análise de Currículo (experiências rurais) + CAF (para comprovação) + entrevista. Por ano 3 milhões/RN. São 60 bolsas de graduação, no valor de R\$ 1.500 e 30 de pós-graduação, de R\$ 2.200. Utilizam a metodologia da Alternância, com aulas no Centro de Treinamento. São 10 Territórios. Passam uma semana na escola e 3 no território. Parceria com a Universidade do Vale do São Francisco para oferecer mestrado profissionalizante em Extensão Rural.

### Formação em Bioeconomia e Cadeia de Valor/GIZ (não é um TED)

Claudia Souza – Consultora/GIZ

Parceria Cooperação Alemã com Governo do Brasil. Um dos componentes desta parceria é a Formação Profissional. Conceito da sociobioeconomia e produção sustentável. Estados do PA, AC, AM e AP, continuidade do Programa Mais Gestão. Formação para professores de Universidades (UEAP), EFA, CFA, com metodologias participativas. Queremos saber quais os profissionais (diversos campos de conhecimento) atuam com ATER. Envolvendo lideranças da comunidade e poucos técnicos de extensão. A ideia seria que a Emater tivesse núcleos de formação. Começa a haver uma demanda no interior. Metodologias participativas, CAF, gênero em todos os módulos.

**Questão orientadora:** “O que estas experiências apontam para pensar um Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER?”

### **Participação da Plenária:**

Servidora da Setec/MDA: Roraima 96 bolsistas indígenas. Ater de Povos para Povos. Formação dos Formadores.

Servidor do Ministério da Igualdade Racial: óptica da pobreza, desenvolvimento de tecnologias. Formação de agentes territoriais - pensar agricultura/extensão a partir do território a partir de quem conhece as tecnologias.

Servidor do MMA: construindo um programa em formação com foco em agroecologia e mudanças do clima. Estratégias de formação integrada. Absorver os conhecimentos do território. Iniciando a construção do programa.

Estudante do IFB: destaque para a dissociação entre humanos x natureza (áreas preservadas separadas do ser humano).

Servidor do MMA: mapear e ouvir da comunidade o que estão sofrendo, conflitos, registrar em relatórios.

Professor da UFPI – necessidade de integração entre ministérios. Necessidade da juventude interagir no debate da modernização dos territórios.

### **Síntese da Plenária:**

#### Metodologias Participativas:

Bolsas

Parcerias (REDES)

Formação de formadores

#### Temas apresentados:

Mudanças Climáticas

Gênero

Raça

Produtividade

Agroecologia

Gestão Territorial Indígena (formação de formadores)

Biomassas

Territórios

Políticas Públicas

Tecnologias Sociais

Corredores agroecológicas

Agricultura Urbana e Periurbana

Conhecimentos Tradicionais

Povos e Comunidades Tradicionais

#### **GT 4 – Mediação: Weriton/DATER/SAF/MDA**

**Participantes:** Graciella Corcioli - Professora/UFG; Carlos Hoelzel – Professor/UFG; Josenildo de Souza - Professor/UFDPAR

#### **Saberes e práticas apresentadas**

Embrapa Mandioca e Fruticultura

Formação em Assentamentos/UFG

Redes de sementes e quintal agroecológico/UFDPAR

#### Embrapa Mandioca e Fruticultura

Experiência com a cultura da mandioca que chamam de Reniva na Embrapa Mandioca e fruticultura. Montaram a Rede Reniva em 2010/2011. Possuem articulação com várias redes e instituições. Acontece nos estados do Norte e do Nordeste, principalmente na Bahia. O MDA deseja que o Reniva seja articulado com a extensão rural. Daqui para a frente vão entrar nas capacitações dos agentes de Ater que participam do projeto e estudantes bolsistas que participam do processo.

#### Formação em Assentamentos/UFG

Graciella Corcioli - Professora

Contou que ministro Paulo Teixeira, visitou o evento grande que fazem em Goiás que é Agro Centro-Oeste Familiar, um evento regional. Que ele participou em 2023, gostou muito do evento, e depois se reuniram para apresentar o projeto para ele. O ministro fez então a encomenda de aumentarem o projeto para o Brasil e assim foram ampliando o projeto. Ao final, eram 16 instituições, em 11 estados brasileiros. São universidades e institutos federais,

compondo o programa de formação em Ater. O foco do programa são assentamentos da reforma agrária. Foram constituídas equipes em cada instituição e essas equipes são formadas por: um coordenador regional, dois professores, que são supervisores docentes, um profissional recém-formado, quatro estagiários dos cursos de agrárias e outros cursos que estão relacionados ao trabalho de Ater, e um Agente Local de Formação (ALF), que é um jovem que tem que morar no assentamento e ter entre 15 e 29 anos. É também bolsista do projeto, morador do assentamento e tem potencial de liderança para se desenvolver e propiciar o desenvolvimento na comunidade. Construíram então, a partir de 2023, conjuntamente, o programa. Avalia como sendo o diferencial do programa, que cada instituição tenha criado seu projeto. O programa é único, com 16 projetos que são flexíveis, e cada instituição tem que cumprir uma parte do programa, mas pode remodelar de acordo com as necessidades das comunidades. Entende ser esta flexibilidade inovadora e necessária, pois quando elaboraram o programa, não sabiam quais seriam as comunidades atendidas. Portanto, as demandas são infinitas, diferentes de assentamento para assentamento, mas o programa permite fazer essa alteração e adaptar para cada realidade, o que avaliou como fundamental. No programa há comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, e várias atividades, tanto de produção primária quanto de industrialização e comercialização. Outra questão que considerou inovadora, foi manter uma pessoa na comunidade. Declarou não estarem focados só na parte produtiva, de comercialização e geração de renda; em muitos locais, estão trabalhando com o básico do social, e com questões mais urgentes dos assentamentos. Em setembro, farão o primeiro encontro geral de formação do programa, que será no Delta do Parnaíba. A expectativa é levar os jovens de assentamentos, que provavelmente nunca saíram de suas comunidades.

Professor Carlos Hoelzel/UFG – Atua no Centro de Formação de Tecnologias para agricultura familiar, que está sendo instalado dentro do Campus Caldas Novas/UFG e tem uma integração com o projeto que professora Graciella apresentou. O projeto, então, é construir este espaço na perspectiva de um centro de imersão para agricultores familiares, para professores universitários, para gestores públicos e técnicos, porque acreditam que quando puderem fazer uma área integral, ampliarão atividades. A ideia é utilizar a gestão cooperativa e associativista, atuando como uma espécie de incubadora de cooperativas da Agricultura Familiar.

### Redes de Sementes e Quintal Agroecológico/UFDPAR

Professor Josenildo

O professor coordena o projeto Quintal Agroecológico, que utiliza estratégia de pesquisa-ação participativa integrando várias abordagens de extensão para promover e constituir unidades técnico-pedagógicas. Observou que diversas conquistas, no governo do passado, assim com muitas políticas públicas, foram dizimadas em sua região. Como estratégia de sobrevivência, criaram então as unidades técnico-pedagógicas e ecomuseus nas comunidades e representações camponesas. Foram instituídas 16 unidades

técnico-pedagógicas e três ecomuseus. As dezesseis unidades técnico-pedagógica estão em: quilombos, representações de redes de feminismo e de agroecologia, escolas famílias agrícolas, escolas agrotécnicas e assentamentos de reforma agrária. Informou que também são uma das instituições do projeto apresentado pela professora Graciella. Reconstituíram também um dos projetos que tinham anteriormente, denominado Rede de Sementes Agroecológicas, que é de formação em Ater e envolve juventude e mulheres rurais.

**Questão orientadora:** “O que estas experiências apontam para pensar um Plano Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER?”

### **Síntese da Plenária:**

Experiência Embrapa Mandioca e Fruticultura: a questão da tecnologia apropriada e apropriável e a importância de ouvir os agricultores. A Embrapa, por ser entidade importante, precisa reconhecer a importância das tecnologias apropriadas, é um fator essencial para trazer para o plano de formação. Atuação em rede é outro fator relevante, assim como o efeito multiplicador para um horizonte mais nacional.

Experiência UFG – Graciella: a questão do interesse local é muito relevante, ou seja, tem que ter a condição de ajustar e adaptar ao que as comunidades estão tratando e precisando. Para além do próprio diagnóstico dar conta da realidade, quando o extensionista bota o pé no chão às vezes pode ser que tenha mudança porque os próprios agricultores não conseguem relatar no primeiro momento o que precisam e com o desenvolvimento do trabalho vai alterando. E o desenvolvimento de lideranças locais que é muito importante.

Experiência UFG – Prof. Carlos: destaca os processos de materiais alternativos e ajustáveis.

Experiência UFDF – Prof. Josenildo: destaque para a visão comunitária, não é desenvolver a família, é desenvolver a comunidade, com visão territorial. A importância da gestão e comercialização, que também é a gestão da unidade familiar, visão de empreendimento da própria comunidade.

## **V - PAINEL: Percurso para sistematização do Marco de Referência e Plano Nacional de Formação**

**Regilane Fernandes** – Coordenadora-Geral de Formação e Construção de Conhecimento e Fomento a Ater (Dater/SAF/MDA)

Regilane apresentou os slides que se seguem, para relatar o que já foi realizado e o planejamento proposto para a construção do Marco de Referência e Plano Nacional de Formação.

## PERCURSO DE CONSTRUÇÃO:

ETAPA DO PROCESSO	AÇÕES	2023	2024												2025		
		Jan a Dez	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	
<b>Revisão bibliográfica</b>	Revisão da literatura	X															
	Recuperação do documento "Plano Nacional de Formação de Agentes de ATER" – 2013	X															
<b>Parceria com Unb – Projeto ERA</b>	Pesquisa																
	Realização de diálogos sociais em conjunto (eventos)																
	Sistematização e publicação de Marcos de Referência																
<b>Parcerias com projetos estratégicos regionais/ nacionais</b>	Conjunto de TEDs	X															
<b>GT-Formação do Comitê Permanente de ATER do Condraf</b>	Proposição do GT e indicação de membros no CP-ATER							X									
	Envolvimento do GT-Formação em todas as etapas da elaboração							X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

ETAPA DO PROCESSO	AÇÕES	2023	2024												2025			
		Jan a Dez	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F		
<b>Diálogos sociais</b>	Divulgação da intenção MDA e diálogos institucionais que geraram as primeiras parcerias	X																
	Reunião com Fórum de Professores e Professoras em Extensão Rural e Associação Brasileira de Agroecologia	X																
	Incidência na Anater para acompanhamento da proposta e dos processos formativos realizados para execução de cada Chamada Pública	X	Permanente															
	Recuperação e repactuação de ações que estavam dadas na Plataforma E-campo da EMBRAPA	X																
	1º Encontro Nacional dos Projetos de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER				X													
	Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – "ATER Fortalecendo a Agroecologia no Brasil"							X										
	2º Encontro Nacional dos Projetos de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER									X								
	Diálogos Regionais (ver com parcerias o que há de possibilidades de eventos presenciais + construção de eventos virtuais)													X				
	Seminário Nacional de Boas Práticas em ATER															X		

ETAPA DO PROCESSO	AÇÕES	2023		2024												2025		
		Jan	Dez	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	
<b>Sistematização das contribuições</b>	Relatórios dos eventos	X				X	X											
	Minuta do documento "Marco de Referência para Programas e Ações de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER" e da "Estratégia Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER"													X	X			
<b>Apresentação e validação da primeira minuta ao CP-ATER do Condraf</b>	Envio da proposta ao CP-ATER																X	
	Discussão, qualificação e validação com CP-ATER																X	
<b>Apresentação e validação do Condraf</b>	Envio da proposta ao Condraf																X	
	Discussão, qualificação e validação com Condraf																X	
<b>Diagramação do documento final</b>	Adequação do documento ao formato de publicação																	X
<b>Publicação/lançamento</b>	Envio para gráfica																	X
	Evento de lançamento do "Marco de Referência para Programas e Ações de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER" e da "Estratégia Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER"																	X
<b>Sensibilização de gestores públicos e dirigentes de organizações atuantes no tema</b>		Ver o que fazer pós o lançamento																
<b>Acompanhamento e monitoramento dos resultados/impactos da Estratégia Nacional</b>		Organizar a partir dos indicadores e metas da Estratégia Nacional																

Comunicou que, para o processo de criação dos citados documentos, pretendem, por meio das parcerias, criar ambiente institucional, político e operacional para reunir as expertises e, no ambiente do Comitê Permanente de Ater/Condraf, está o GT de Formação. Neste GT está a Faser, a Anater, os movimentos sociais, a Rede Ater Nordeste de Agroecologia, entre outros. É nesse GT que pretendem discutir e balizar esse percurso, e o que for sendo sistematizado irá para os coletivos mais amplos.

Desde o ano passado iniciaram diálogos internos no MDA e externos, com o Fórum Nacional de Professoras e Professores de Extensão Rural, com a Associação Brasileira de Agroecologia. Em março, fizeram o primeiro Encontro Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater. No Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, deram continuidade ao debate do tema da formação.

Com a realização deste 2o Encontro Nacional, o próximo passo serão encontros regionais. Para isso, será estudada a possibilidade de criar sessões de debates sincronizadas com os eventos que os projetos estão programando realizar. Outro passo, seria a sensibilização de Redes de Gestores Públicos, Asbraer, Articulação Nacional de Municípios, a Rede de Gestores em Economia Solidária e outros coletivos que puderem ser identificados.

Disse ainda, que as minutas dos documentos (Marco e Plano) deverão ser encaminhadas primeiramente para o CP Ater e depois para o Condraf, para posterior publicação em formato digital e impresso. Posteriormente ao lançamento, pretendem desenvolver uma agenda de divulgação e incidência, a fim de avaliar como estes documentos influenciam programas locais de formação de agentes e ações municipais e estaduais.

Sobre o monitoramento do Marco, seria para avaliar até onde conseguem incidir; e do ponto de vista do Plano, monitorar as metas de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater que o MDA pactuar, considerando, inclusive, as metas que estão no PPA.

Sobre o Mapa de Monitoramento que o MDA e o Condraf esperam neste momento, seria quantos são os agentes extensionistas que as Chamadas Públicas conseguem mobilizar hoje, e o que os projetos reunidos neste encontro, e nas outras parcerias, conseguem fazer hoje. Ressaltou que precisam deste mapa, de quantos agentes estão envolvidos nestas ações, e quem são esses agentes, em termos de suas características. Quantos tem realmente abordagem de Agroecologia? E a abordagem no desenvolvimento de inovações? Sobretudo, como está a distribuição espacial. Sintetizou dizendo que este mapa é necessário para saberem qual é a realidade, qual é o estado da arte da rede ofertante de Ater, a fim de melhor organizar a Política Pública.

Por fim, deixou o questionamento de como seria possível integrar as estruturas do MDA com os demais ministérios, MDS, MCTI, Ministério das Cidades, etc. Como construir esta participação dos ministérios nesta elaboração.

## **RESULTADOS ESPERADOS**

**1.Documento: “Marco de Referência para Programas e Ações de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER” (publicação)**

**2.Documento: “Estratégia Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de ATER” (pactuação e publicação)**

**3.Mapa de monitoramento das ações/agentes/resultados alcançados nos Projetos**

### **Deixou questões para debate:**

O percurso previsto dá conta?

O que falta?

Como o coletivo de parcerias pode seguir nessa construção?

Como as estruturas do MDA e demais ministérios podem se engajar? (MDS, MMA, MCTI M Cidades, etc)

### **Participação da Plenária:**

Servidor da Superintendência Federal do Desenvolvimento Agrário Nacional: falou sobre envolver e informar as superintendências do MDA nos estados, e se colocou à disposição para colaborar neste processo. Também importante envolver o Ministério dos Povos Indígenas.

Professora do Projeto ERA/UnB: informou que o projeto está fazendo pesquisa a partir de experiências já consolidadas, a fim de trazer mais elementos e aprender com as práticas, com o que está dando certo. Falou da importância de promover diálogos com o Fórum Nacional de Professoras e Professores de Extensão Rural e coletar contribuições, apontando para o currículo de Extensão Rural; também com a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), Rede Ater NE de Agroecologia. Utilizar dos encontros, como o de setembro no Piauí do projeto Profor-Ext da UFG, para debater formação. Também no encontro de Pernambuco, da Especialização coordenada pela Profa. Laetícia, trazer uma sistematização mais consolidada como contribuição para o Marco de Formação. Informou estarem também envolvidos na construção de outro marco de referência, de Extensão Rural e Interculturalidade, que vai contribuir muito na discussão da interculturalidade na formação e que contam com o Ministério dos Povos Indígenas (MPI) nesta construção, o que vai trazer muito subsídio para a construção do marco de referência em formação.

Servidor do MCTI: falou da importância da formação dos extensionistas e agentes de ater trazer conhecimento sobre o instrumento chamado Encomenda Tecnológica (na Lei de Inovação). Sugeriu convidar alguém para falar desse instrumento.

Representante da Asbraer: sobre a questão do cronograma das próximas ações, observou que Seminário de Boas Práticas está previsto para dezembro e que a “sensibilização das redes de gestores públicos e dirigentes de organizações atuantes” está sem data definida para ocorrer. Lembrou então, que dia 6 de dezembro é dia do Extensionista, o que complica outras agendas nesta semana. Propôs um curso de formação ainda dentro deste governo.

Professor UNIPAMPA: chamou a atenção para a diferença entre formação sobre conteúdo, sobre metodologia e a formação instrumental, que entende ser ponto importante a ser trabalhado no Marco de Formação. Falou da importância da intersetorialidade dentro do próprio governo, pois a Ater é desenvolvida em diferentes setores do governo com diferentes nomes, e sugeriu reunir essas diferentes experiências. Sobre alimentação adequada e saudável, indicou ao utilização do Guia Alimentar na Extensão Rural para ser usado nas formações. Informou ainda sobre o Encontro Nacional de Professoras e Professores de Extensão Rural, entre 23 e 25 de abril de 2025 na Universidade Federal de Santa Maria.

Servidor da Secretaria de Povos e Comunidades Tradicionais/MMA: trazendo o foco para os modos de vida das Populações Tradicionais (os invisibilizados), lembrou, por exemplo, os Mareatórios (marisqueiras, marisqueiros, pescadores) com os quais não se têm trabalhado Ater, respeitando seus modos de vida. Lembrou que marcos e planos precisam assumir os compromissos internacionais assumidos pelo Governo Federal. Citou como exemplo a Convenção Internacional da Desertificação, questionando que ações de impacto têm sido feitas nas áreas do semiárido e novas áreas de início e de processos de desertificação em outras regiões do país, como no próprio Rio Grande do sul. Questionou também que ações de Ater estão sendo conduzidas no âmbito desta convenção internacional, ou pela questão da mudança do clima, ou com relação à Convenção da Biodiversidade. Quanto os sistemas

produtivos estão tendo de responsabilidade ambiental? Ou a questão dos agrotóxicos, por exemplo, em áreas de APP e reservas legais. Questionou também o quanto conseguimos pensar nos corredores ecológicos e citou o pagamento por serviços ambientais, que a Secretaria de Bioeconomia, em contato também com várias áreas do MDA, está construindo. Trouxe outras possibilidades de fontes de renda que a Ater pode encaminhar para áreas de agricultores familiares, como o Produtor de Água que a Agência Nacional de Águas desenvolve, principalmente no sul do país. Por último, trouxe a questão dos 12 milhões de hectares de florestas a serem recuperadas e 40 milhões de hectares degradados, perguntando o quanto este compromisso está sendo assumido. Afirmou então, que precisamos de uma Ater compromissada com o tema ambiental para cumprir com estes compromissos.

Representante do Instituto Abdalazir de Moura/IAM: sugeriu que sejam consideradas, de fato, as experiências exitosas das organizações e movimentos sociais no que diz respeito às metodologias. No IAM, desenvolveram uma Pedagogia de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável, que tem 23 anos: consolidada e referência para educação formal e informal. Têm contribuído com políticas municipais, estaduais e nacionais, com combate à desertificação, agricultura familiar e camponesa, práticas integrativas para a Transição Agroecológica. Ressaltou que consideram a intergeracionalidade durante a formação.

Servidor do MEC: sugeriu convocar a Diretoria de Políticas de Educação Escolar Indígena para participar da construção das diretrizes sobre formação, além do MPI, também o Grupo da Terra do Ministério da Saúde, que discute saúde alimentar, produção de alimentos saudáveis. Lembrou do Planapo que está para ser lançado.

Representante da Rede Ater NE de Agroecologia: solicitou que as contribuições da sociedade civil sejam valorizadas, destacando a Comissão de Construção de Conhecimento da Cnapo, para apresentarem contribuições das diretrizes e do plano de formação. Propôs que seja pensada uma comissão mista da Cnapo e do Condraf para debater temas afins.

Diretor de Desenvolvimento Territorial e Socioambiental/MDA: referindo-se à retomada do programa dos territórios pelo governo federal, falou sobre a organização do país em territórios e a contribuição da Ater para a governança deles. Afirmou que não há como discutir construção do conhecimento e Ater, se não forem levadas em conta as ações que os estados estão fazendo, e a importância de fazer este debate com os profissionais das organizações sociais, das cooperativas e sindicatos.

Professora da UFG: sugeriu envolver diretamente, no mínimo, Ministério Desenvolvimento Social, Ministério da Saúde e, principalmente, Ministério da Educação, bem como discriminar nos documentos quais as responsabilidades destes 3 ministérios.

Servidor do Departamento Políticas de Gestão Ambiental Rural/MMA: informou que o programa Ater em Agroecologia, Transição Agroecológica e Mudanças Climáticas do MMA terá polos territoriais por bioma, com enfoque na formação, com a transição agroecológica e mudanças climáticas, a partir da realidade de cada bioma. Sugeriu então uma articulação com a Secretaria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente, onde está locado o

Conaveg, (Conselho Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa), pois lá se encontram representação de Redes e ONG que trabalham a questão da recuperação da vegetação nativa em todos os biomas brasileiros.

Pesquisador da Embrapa Mandioca- Fruticultura: Questionou como esta política vai ser abordada pelos municípios.

Regilane – Dater/SAF/MDA: Informou que vão chamar diálogo interno com todas as secretarias do MDA, e também uma conversa interministerial com MCTI, MMA e MEC. Junto a Dinov, irão verificar a construção, na Cnapo, da meta do Planapo sobre a Formação de Extensionistas e Agentes de Ater para a Transição Agroecológica e convocar o GT de Formação do CP Ater para organizar os próximos passos com essas contribuições deste encontro.

### **Encaminhamentos:**

Comunicar o GT Formação/CP Ater/Condraf os encaminhamentos do 2o Encontro Nacional de Formação de Extensionistas e Agentes de Ater.

Discutir com Redes (Fórum Nacional de Professoras e Professores de Extensão Rural, ABA, Rede Ater NE de Agroecologia, etc.).

Discutir com Secretarias de outros ministérios que estão fazendo formação.

Avaliar a Sistematização do Encontro que será feita pela equipe ERA/UnB.

Encaminhar a Sistematização e o Plano de Formação, referindo-se ao documento de 2013.

## **VI – MESA: Monitoramento e Sistematização de Informações dos Projetos e Ações em curso**

### **Mediação:** Werito Melo (MDA)

Iniciou os trabalhos reforçando que este seria o último tema a ser discutido neste evento: a questão de monitoramento e externalização das informações de projetos e ações em curso, contando com a participação de dois colegas do MDA e da Anater. Enfatizou que muitas vezes fazemos projetos, muitas ações são realizadas, mas ao final, pode acontecer de não conseguirmos demonstrar todos os resultados que foram alcançados. Por isso, fizeram questão de trazer este tema, que é realmente extremamente importante, pensando não só em emprestar contas aos órgãos de controle, mas também como grande oportunidade de demonstrar, de fato, o que está sendo feito. Chamou então Mariano da Anater e a Patrícia Ravallet do MDA, para compor a mesa.

## **Patrícia Ravallet/MDA**

Iniciou dizendo que o MDA não tem uma proposta, e também acha que não deva ter, pois esta deve ser uma construção a partir deste coletivo. Disse trazer uma provocação, e propôs que mudemos um pouco a visão. Explicou que, atualmente no monitoramento da formação, especificamente, como já fora colocado neste evento, há um objetivo específico no PPA, que mede somente a quantidade de pessoas formadas. Entretanto, isto estaria sendo difícil de medir e esta é a realidade hoje: estão tendo dificuldades em receber estes dados quantitativos. Enfatizou que precisam receber os resultados, ao menos os quantitativos, na medida em que as coisas vão acontecendo, pois no MDA fazem monitoramento mensal das atividades. Como entendem que mensal seria difícil para os projetos, pensaram, então, em monitoramento trimestral das ações de formação. Pediu então, que todos pensem em maneira de entregar resultados e conseguir dar visibilidade para esse trabalho que tá sendo realizado, ao menos quantitativamente nesse primeiro momento.

Passou, então, a outro assunto que a traz a esta mesa, que é trazer algumas ideias para este novo momento que está sendo construído na formação de agentes de Ater: marco de referência, estratégia nacional. Explicou que querem que o monitoramento não seja apenas um copie e cola de outros processos e que não chegue tão frio ao MDA, a ponto de não dizer nada além dos números. Buscam formas de saber o que a formação significou na vida das pessoas que receberam a formação. Ressaltou que a ideia de fazer formação não é para ter x cursos de formação, x processos normativos, mas sim para trazer transformação. Em síntese, apresentou sua proposta: já que os projetos apresentam novas construções, gostaria de construir algo novo para que o monitoramento pudesse traduzir o que realmente estão fazendo, e que não é só curso, não é só processo formativo, outros resultados estão sendo gerados. Perguntou então, como seria possível alcançar isso. Sugeriu que, partindo do problema identificado no planejamento do projeto, um problema bem delimitado, uma proposta de escopo do projeto, as entregas possam ser definidas a partir daí. Para medir isto, precisarão definir indicadores. Afirmou que, desta forma, é possível qualificar este debate.

Disse ainda que, para conseguir mais recursos, é preciso mostrar resultados, e não só de quantas pessoas foram alcançadas, porque aparentemente o valor é muito alto por jovem. Afirmando que o resultado não é só jovem formado, é muito maior que isso, e trouxe a necessidade de dar visibilidade ao conjunto de resultados. Sua expectativa é conseguir chegar com o plano nacional e o marco, a um modelo de referência, traçando o melhor caminho para um projeto referência, onde possam ser inseridas informações qualificadas. A ideia é chegar à informação sobre quem é o público que está sendo atendido e o problema que está sendo resolvido, o que enriqueceria demais o processo. Buscam pensar a médio prazo, ou até um pouco mais, a longo prazo, pois entende que estão construindo algo que não é para agora, mas que começa a ser construída agora, com muitas mãos e mentes, para florescer a frente. Afirmou acreditar que deste encontro sairão metodologias e diretrizes excelentes, mas como será possível medir, com a pessoa formada?

Afirmou então ser esta a sua provocação, e que não tem uma proposta para apresentar, mas espera que este seja o início da conversa, uma sementinha, para este novo olhar. Reforçou as questões: o que você quer que seja medido? O que você quer mostrar? O que precisa ganhar visibilidade dentro desse processo? O percurso previsto dá conta do que se pretende?

Sugeri que o Seminário de Boas Práticas (previsto para o final do ano) reserve espaço definido para a formação, para que este debate não se perca dentro das questões da Ater que são mais amplas. Apesar de serem convergentes, a formação não pode estar tão “submissa” à Ater. A seu ver, o potencial que a formação tem de transformar realidades não permite que seja colocada como um insumo apenas. Precisamos dar essa cara à formação e isto é mostrado por meio de resultados e sabemos que temos muitos, sendo necessário institucionalizar, estruturar.

Finalizou dizendo que nestes espaços de formação há pessoas muito engajadas, professores com sorriso no rosto, educação popular, e nas próprias comunidades vê-se o engajamento, tem solidariedade e muitas coisas positivas. Mas chamou a atenção para a necessidade de entender que a política pública não é um favor, é algo profissional e essas pessoas que estão no campo fazendo a política pública acontecer, não podem ser exploradas. E falou da oportunidade de gerar também estrutura e reconhecimento, para que não seja um sacrifício contribuir para a política pública.

### **Mariano/Anater**

Falou a partir da experiência da Anater na gestão de Ater e gestão do processo de formação. Utilizam o sistema denominado de SGA, que abarca toda a gestão, desde o processo de credenciamento, chamada pública, gestão e execução dos projetos, e também a formação. Este sistema foi criado há bastante tempo e eles vêm trabalhando e buscando melhorá-lo. Mas hoje, observa, ele não dá conta de atender às necessidades, principalmente na área de formação. No sistema é lançado o nome e o curso, mas não é possível extrair informações qualitativas sobre a formação. Estão trabalhando na elaboração de um SGA2. Trouxe como certa a necessidade deste novo sistema dialogar e ter acesso a outros programas construídos pelo MDA, e para que seja possível pra o MDA extrair os dados que foram elaborados pela Anater, e que se possa de fato fazer divulgação real de todas as políticas. Estão construindo este sistema, no entanto, fez um acordo com Regilane de que terá, em um outro espaço, oportunidade de apresentar o SGA: como funciona e toda a sua estrutura, mas devido ao tempo acharam melhor deixar essa apresentação para outro momento.

### **Weriton -Dater/SAF/MDA**

Trouxe três pontos que julgou importantes, antes de abrir para o debate. No primeiro, lembrou que, na questão do planejamento, o monitoramento deve ser previsto antes dos projetos começarem, de forma que seja possível realmente acompanhar as ações (não se

monitora o que já passou). O segundo ponto, também colocado pela Patrícia, é que muitas vezes para os órgãos de controle, uma lista de presença com fotos podem ser suficientes para justificar a utilização de recurso público, não gerando problema de prestação de contas. Mas, não significa que o que estão realmente fazendo, está visível. A implementação de políticas públicas precisa trazer melhoria da qualidade de vida. Reforçou a provocação de pensar conjuntamente uma forma de fazer monitoramento e acompanhamento dessas ações que deem visibilidade às transformações ocorridas na vida das pessoas. Disse que o que querem dessas formações é um pouco do que a Anater busca, com o SGA2. Precisam de um mapeamento, talvez por cadeia produtiva, de atores que passaram por processo de formação, identificados no território brasileiro. Acredita que assim, diante de uma crise, por exemplo, é possível identificar pessoas naquele território e suas relações com instituições, que possam contribuir naquele momento; ou no caso da implementação de algum programa específico, seria possível buscar pessoas com conhecimento para trabalhar junto. Sintetizou dizendo da importância de pensar uma estratégia que consiga de fato registrar a contribuição das formações para o desenvolvimento das comunidades de agricultores nos diferentes estados.

### **Participação da Plenária:**

#### **Professora da UFG**

Afirmou que, como coordenadora, costuma ter esses resultados, mas não sabe para quem enviar. Perguntou com que periodicidade querem receber e para quem encaminhar relatórios com informações sobre monitoramento mais individualizados.

#### **Servidor Dater/SAF/MDA**

Respondeu que é algo que ainda será construído, e considera que terão que desenvolver um sistema, ainda que simples, como um repositório, que possa também oferecer dados sempre que necessário, tanto para o ministério, quanto para o próprio projeto. Sugeriu pensar algo muito prático, até mesmo uma planilha de Excel compartilhada, que não sobrecarregue ninguém. A Embrapa trabalhava com um sistema, Sisgat, georreferenciado e todos que passavam por processo de formação tinham que se registrar. Não é difícil de ser criado, conclui.

#### **Professora da UFRRJ**

Registrou sua satisfação com a fala de Patrícia, que apesar de trazer a parte objetiva do monitoramento, relacionada ao PPA, assume a importância não só dos dados quantitativos, como também dos qualitativos. Os territórios são feitos de gente, de pessoas, de expectativas e acha fundamental trazer essa dimensão. Por outro lado, identificou na fala do Werito, sua própria preocupação: como fazer; que dados apresentar; como transmitir esses

dados. O PPA é muito estreito do ponto de vista dos dados qualitativos, ele existe de um modo muito mais efetivo para o quantitativo, e pouco espaço tem para o qualitativo. O mesmo para os órgãos de controle, o que importa é só o quantitativo. Assim corroborou com a fala do Werito, que é necessário um sistema específico, ainda que simples, uma planilha ou googleforms, que já sistematiza dados. Um instrumento que valorize não só quantidades, mas também a qualidade das ações, trazendo inclusive o que o território pensa sobre ele mesmo, suas atividades, a sua existência. Inclusive o que pode potencializar as ações dos projetos, mas também do ministério.

### **Professora do Projeto Jandaíra/UFRPE**

Considera este um tema muito caro, sobretudo quando se trabalha com a perspectiva feminista, de gênero, do enfrentamento à violência, da autonomia, do empoderamento; ou seja, quando são trazidas outras questões. Afirmou ser é preciso avançar nisso, porque quando se fala de monitoramento e avaliação, têm feito uma discussão sobre monitoramento que deve ser processual, não pode ser um monitoramento como fiscalização. Então, a questão é como é possível trazer essa perspectiva do monitoramento e avaliação para o processo, porque o processo é mais importante que o produto, e é preciso entender isso. Estamos falando de processos, as políticas públicas entram em processos que estão acontecendo no território. Elas têm que chegar para fortalecer processos territoriais, movimentos, ações. Observou que, ao olhar sob a perspectiva, percebe-se que um conjunto de outros avanços que conseguem fazer com essas ações de políticas públicas, a partir de programas e recursos, ficam muito invisibilizados. Não são compatíveis com a lógica do monitoramento que é quantitativo, centrado no final, no produto, porque estamos falando de processos. Afirmou ser difícil pensar um projeto, como o que desenvolvem com o apoio do Dater, ou uma ação de Ater, que não seja na mediação, que não seja para fortalecer processos territoriais. Essa ação não pode chegar como uma novidade, e nesse sentido o monitoramento, também tem que ser percebido assim. Acha que uma planilha de Excel ou Google não é capaz de abarcar essas dinâmicas, e que precisamos pensar em um sistema, que não precisa ser tão complexo e nem é tão caro, mas que não podemos perder essa oportunidade, inclusive para ter memória do que está sendo feito agora. É preciso ter memória, ter uma avaliação, para ir caminhando e não perde tudo que foi realizado. É sabido que no governo anterior muita coisa se perdeu. Considerou ser importante fazer uma reflexão mais profunda sobre o que significa monitoramento e avaliação.

### **Professora do Projeto ERA/UnB**

Demonstrou preocupação, já que a cada seis meses já faz um relatório. Elaboraram o primeiro relatório para a Finatec (fundação de apoio que partilha a gestão do projeto da UnB), pensando que seria encaminhado ao MDA, mas isso não aconteceu. De toda forma, é gerado um relatório semestral, relacionado com as metas do projeto e considera que o MDA pode sistematizar esses relatórios das fundações de apoio, extraíndo dali alguns números

que são importantes, para, a partir disso, desenvolver um monitoramento. Isto é um ponto deficitário no estado brasileiro, e que precisa ser resolvido, porque precisamos desses dados de todos os projetos. Um número que consideram um significativo quantitativo, e que é novo, é o número de universidades envolvidas na política de Ater. Isto é um dado novo: quantas universidades têm projetos apoiados por TED, perguntou e já afirmou que só no projeto coordenado pela UFG são 16 instituições de ensino superior. Enfim, há dados que são relevantes. Colocou como preocupação central, a visibilidade desses projetos, a necessidade de pensar comunicação. Entende que, falando de Universidade, de Extensão Universitária, é importante ter as redes sociais, ter boa comunicação, manter atualizadas e divulgadas as informações. Há cobranças da própria universidade, mas também tem a ver com um compromisso social, mostrar como estão sendo gastos os recursos, dando oportunidades e fazendo todas essas relações no campo. Informou também que, para além dos números, na UnB começaram a construir uma residência em 2017, e que formarão agora a segunda turma. Um dos propósitos é realizar mudança na pós-graduação, fazendo Extensão Universitária na pós-graduação, que não está inserida na extensão. Então, está acontecendo uma mudança no sistema e temos o primeiro edital interno da UnB para apoiar bolsistas e recursos para a Extensão Universitária, na pós-graduação. E questionou, onde entraria este número. Somente uma residência, um edital, mas uma transformação na universidade. Concluiu dizendo que a questão não é numérica, é estrutural, e levou muito tempo, é processual.

### **Professor da UFDPAr**

Trouxe um pouco de sua experiência com os projetos na UFDPAr. Inicialmente, fazem lista por CPF e por CAF, isso é um ponto importante. Mas têm o hábito de fazer um perfil de entrada de qualquer pessoa que entra para fazer capacitação. É o Marco Zero. Como é que ela está? O que é que ela pensa de Ater e agroecologia, ou outro tema que será trabalhado, como um diagnóstico; e já referenciam pelo menos a comunidade, pode ser de forma simples, só com celular. Para as comunidades, se preocupam em ter um georreferenciamento mais preciso, com GPS. Há também registro com fotos e criação do repositório, que é uma prática que ajuda inclusive no relatório. Fazem relatório não só para o MDA, mas também para diversos parceiros que têm: movimentos sociais, organizações produtivas, secretarias. Ou seja, ter um repositório é importante, e ter uma prática de um relatório trimestral; e o relatório de cada técnico/técnica que é mensal e ele não abre mão. Tudo isso é construído através do problema. O problema central é basicamente êxodo rural de jovens: o Piauí é recordista nacional de êxodo de jovens rurais e por isso as ações concretas são para manter o jovem no território. Criam os indicadores a partir deste problema, que são estabelecidos por dimensão de sustentabilidade. Cada dimensão tem pelo menos, três indicadores, mapeados em gráficos de radar. O acompanhando é feito a partir do diagnóstico, depois na construção de um projeto de comunidade produtivo familiar, e vai sendo monitorado. Para cada um, há seu perfil, a pasta dele no Excel, integral, em tempo real. Fazem também a oficina monitoramento e replanejamento de equipe, e

também do Conselho gestor. Cada projeto tem um conselho gestor com seus participantes, além de regimento. O coordenador do conselho gestor não é o coordenador do projeto, tem que ser de outra instituição, e geralmente é escolhido pelo território, no fórum territorial, na executiva ou em reunião de colegiado inteiro do fórum.

Fazem reunião de avaliação, discussão e divulgação comunitária, mantida em cada comunidade. Não é só para fazer prestação de contas, abrem para escutar e também absorver as críticas. Relatou terem uma prática de, na avaliação, a equipe técnica não se justificar, só escutar a comunidade, o que considera um elemento importante: ouvir e corrigir o que está errado. A análise de evolução dos indicadores, é feita em cima da análise de indicadores. Utilizam três dimensões de sustentabilidade com gráfico de radar, que tem uma pontuação de 0 a 3 e pontuam: do ideal ao nada. Apresentam isto ao conselho gestor do projeto, aos parceiros, à comunidade e aos apoiadores, como também aos formadores; são apresentações diferentes. Fazem isso em função do que aconteceu após o golpe; tinham muitas ações em campo e entrou o fascismo, efetivamente, em todos os lugares, porque também não divulgavam muito o que estavam fazendo. Então, para ele, uma coisa que não é possível abrir mão é essa divulgação constante, diária, também nas redes sociais. Outra medida relatada pelo professor, é a apresentação das ações como política de governo, com todos os nomes de presidente e ministros, é uma política de estado, é uma política da Universidade. Garantiu que é trabalhoso fazer isso, mas não flexibilizam para não ter problemas. É rigoroso com as datas e realizam seminários de culminância, geralmente por território, e também na universidade, porque o enfrentamento ao fascismo precisa ser também na Universidade.

## **AVALIAÇÃO DO 2º ENCONTRO SOBRE FORMAÇÃO DE EXTENSIONISTAS E AGENTES DE ATER**

**A avaliação foi realizada por meio de formulário, preenchendo os campos: quem bom, que pena, que tal.**

### **Participantes:**

Pedro Henrique Pinheiro de Oliveira Abreu

Fabício Santana Santo

Laeticia Medeiros Jalil

Gildene Carvalho

Monica Vasconcelos Kuhlmann

Olivo Dambros

beth Cardoso

Aldo

Mariana Ferreira Matias

Welliton Rezende Hassegawa

Julia Stuchi

Josenildo de Souza e Silva

Josinete Maria Pinto

Vincenzo Lauriola

Tarcisio Augusto Alves da Silva  
Vinicius almeida  
Nina Paula Laranjeira  
Gustavo Henrique Menezes Pereira  
Heloiza Helena Rodrigues Gavião  
Joao Roberto Correia  
Luciano Marcal da Silveira  
Frederico Olivieri Lisita  
Luís Tividini  
Claudia Lucia Soares de Oliveira  
Luís Felipe Paes de Almeida  
César Adriano de Souza Barbosa  
Nair Helena Castro Arriel  
Savina Priscila Rodrigues Pessoa  
Flaviane Canavesi  
Roberto Marinho Alves da Silva  
Graciella Corcioli  
Gabriela Martins Corrêa  
Betty Nogueira Rocha

**Que Bom:**

Foi maravilhoso abrir espaço para um feedback, reelaboração e atualização sobre o estado da missão ATER no Brasil.

A troca de informações e saberes entre os participantes.

Foi um seminário de integração e trocas, más sobretudo de conhecer o que está sendo feito e construir estratégias.

O trabalho de grupo.

Precisamos de mais momentos como esse! Parabéns ao Dater, a Regilane Fernandes, brilhante sempre.

Que a gente pode articular diversos projetos de ATER do MDA.

Aprendi e tentei deixar minha contribuição. Sucesso e grande expectativa para a política de assistência e extensão. Bom trabalho e obrigado.

Interação entre as diversas entidades sobre temas correlatos à formação; Intercâmbio de experiências exitosas.

Momento oportuno, enxergamos o estágio da execução das chamadas de Ater lançadas pelo MDA/Anater.

Encontro com pessoas, articulações de ações, propostas com metodologias ágeis.

Integração do MDA, IES, Anater, Faser, movimentos sociais para constituir a formação de Ater

O conteúdo.

Trocas e experiências; Sugestões e Vivências apresentadas, Reflexões, Evento híbrido.

Espaço aberto para contribuição de todos. Ótima oportunidade para intercâmbio de saberes.

O debate foi riquíssimo e a rede de formadores foi fortalecida. Temas importantes foram abordados.

Os debates dos Grupos de Trabalhos do primeiro dia que auxiliaram no alinhamento de objetivos e concepções, permitiram entender convergências e como as ações podem ser integradas e complementadas multidisciplinarmente.

Que tive oportunidade de estar aqui, me atualizando sobre experiências e desafios na formação de agentes de Ater. Obrigado pela oportunidade.

Que esse encontro mobilizou experiências concretas de Ater para subsidiar o debate sobre a construção das diretrizes e do plano nacional de formação de agentes de Ater.

Realizar um evento em caráter nacional, exclusivo para tratar formação de Extensionista e Agentes de ATER e com participantes de conhecimentos teóricos e práticos.

A organização do evento, participantes engajados.

Que deflagrou o processo de construção e que ele é participativo, diversidade de temas e pré-disposição.

Que temos tantas boas experiências de formação acontecendo.

Muito importante esse encontro para pensar formação de extensionistas a partir da perspectiva Freiriana e com a proposta de fazer trabalho de base. Espero que esse espaço continue porque já é muito importante.

Reunir os projetos em curso, partir da discussão a partir de experiências práticas. Houve bastante espaço de debate, não ficou só nas mesas cansativas em que só autoridades falam.

Conseguimos avançar no documento. Estávamos bem articulados nas demandas.

O evento foi excelente para a troca de conhecimento, novas aprendizagens e principalmente conhecer colegas de demais instituições.

Boas trocas, interações, dinâmicas interativas e participativas, afetos, sonhos, esperar. O trabalho da equipe do DATER está de PARABÉNS pelo nível e organização primorosa do evento.

Sei das dificuldades e desafios, por isso reforço meus mais sinceros parabéns e agradecimento por todas as vivências nesses dois dias. Saio daqui fortalecida para junt@s

desenvolvermos ações que contribuam para o fortalecimento da Agricultura Familiar no campo, nas cidades e nas florestas.

### **Que Pena?**

Não houve muita organização dos temas e tempo para os participantes interagir.

As falhas relacionadas à parte de contato virtual.

O auditório não contribui para a integração.

O tempo para os grupos no segundo dia.

Que vim apenas no primeiro dia.

Que tenham poucos representantes das organizações, estados e municípios.

Que nem todos os projetos foram convidados.

Que faltou mais gente do Sul.

Atenção ao horário programado.

Que não foi possível a participação remota de outras equipes nos estados.

Que já acabou.

Mais frutas nos lanches.

As dificuldades de comunicação.

Soube em cima da hora, só deu pra participar no segundo dia.

Comida priorizar as ideias que circulam no evento. Parte da logística do evento não funcionou

A divisão dos Grupos de Trabalhos tratando de temas diversos impede de ter acesso a mais de um grupo de interesse.

As organizações da sociedade não estarem presentes.

Que o lanche não foi agroecológico, apto para quem tem problemas com lácteos e gluten, tipo cardápio da Central do Cerrado.

Não contar com as experiências desenvolvidas pelas organizações da sociedade civil suas redes e movimentos.

Atrasos e falta do MEC.

Achei apertada a programação na parte de participação da plenária e dos Gts.

Não ter tantos participantes. Acho que a divulgação foi muito em cima ou ficou esquecida dentro de uma agenda diversas.

Que faltaram algumas representações: Fórum de Profs, Rede de Estudos Rurais, Mec e tantos outros.

Cumprir horários é importante para melhor aproveitamento do tempo que nós disponibilizamos para atender ao planejado na programação.

Senti falta da presença dos movimentos como a CONAQ e o MAB. Senti falta da discussão de pensar formação extensionistas para comunidades que enfrentam o contexto de crime-desastre como o de Mariana e Brumadinho.

Que foi híbrido, isso limita as trocas.

As limitações tecnológicas que não permitiram uma participação integral e mais ativa em formato remoto.

Apenas a questão da transmissão e horários do primeiro dia.

Não ter conseguido trazer toda equipe do AUP Xerém para vivenciar esses dias tão produtivos e de tantas trocas.

### **Que Tal?**

Um Encontro Nacional sobre Formação de Extensionistas e Agentes de ATER é um evento de extrema importância para o desenvolvimento do setor agropecuário brasileiro. Para que seja um evento de sucesso, algumas considerações são fundamentais:

Objetivos Claros e Alinhados.

Qualificar: Aprimorar as competências técnicas e pedagógicas dos extensionistas e agentes de ATER, para que possam oferecer um atendimento mais eficiente e eficaz aos agricultores.

Atualizar: Apresentar as últimas tecnologias, metodologias e políticas públicas relacionadas à agricultura familiar e à produção sustentável. Debater: Promover um espaço de discussão sobre os desafios e as oportunidades da ATER no Brasil, buscando soluções inovadoras e colaborativas.

Networking: Fortalecer as redes de colaboração entre extensionistas, pesquisadores, gestores públicos e agricultores. Conteúdo Programático Diversificado.

Palestras: Convidar especialistas renomados para apresentar temas como: Agricultura de precisão. Agroecologia. Gestão de recursos hídricos. Comercialização de produtos agrícolas. Políticas públicas para a agricultura familiar.

Workshops: Oferecer atividades práticas para o desenvolvimento de habilidades específicas, como: Elaboração de projetos. Utilização de ferramentas digitais. Comunicação eficaz. Gestão de grupos.

Minicursos: Abordar temas mais específicos, como: Sistemas de produção sustentáveis; Análise de solo; Controle de pragas e doenças.

Se forem testadas com antecedência as ações virtuais.

Pensar num lugar mais aberto, mais redondo que possibilite mais horizontalidade.

Mais trocas de experiências.

Mais um neste ano.

Se os debates de ATER fossem feitos em todos os territórios e depois disso fizessemos um seminário nacional mesmo Virtual.

Trazer gente de visões mais dispares pra fazer um necessário contraponto que ajude a ajustar e fortalecer as decisões.

Não fazer o próximo evento na semana do dia 6 de dezembro? (Só para não deixar em branco).

Ampliarmos participação remota na próxima.

Ter mais representantes das redes de base sociotécnicas (MST, CONAQ, CNS, ...).

Seguir com estas construções, considerando o que já temos e novas experiências com a dimensão da educação popular e economia solidária.

Divulgar melhor e mais cedo na próxima vez.

Dividir em grupos de trabalho de modo que seja possível participar de todas as temáticas ou quase todas as temáticas.

Manter o diálogo, mesmo que virtual.

Manter um grupo permanente de conversa e evolução da formação de Extensionistas e Agentes de Ater.

Não deixar esfriar esses diálogos, e manter essa rede viva.

Criar mecanismos, durante o percurso, que permita valorizar os acúmulos na formação de agentes de ATER que a sociedade civil e movimentos sociais vem experimentando.

Ampliar participação de entidades para o próximo evento.

Nos próximos, poderíamos incluir condições tecnológicas e metodológicas para que as produções dos grupos sejam sistematizadas e apresentadas de maneira mais visuais (Power point, tarjeta...).

O MDA elaborar um quadro (ser visual) das políticas de outros órgãos que se aplicam à Agricultura Familiar e solicitar informações de atendimento e divulgar no próximo encontro.

Encontros periódicos para avaliação e monitoramento de agentes e das políticas de ATER;

Que tal mobilizar todas as secretárias e agentes públicos q atuam com formação de Extensionistas e agentes de Ater para se integrarem e atualizarem deste propósito.

Mais momentos para presenciarmos a diversidade de ações. E, não esquecer que devemos aprender e revisar o que limitou as ações em épocas anteriores, ou seja, tem roda que não precisa ser inventada.

Acho essa ideia de construir um mapa com todas as iniciativas na perspectiva de comunicar experiências exitosas no campo ela é muito valiosa.

Ter um cronograma para novas edições desse seminário. Fazer agendas de discussões posteriores, não necessariamente regionais, mas sobretudo ouvir mais profundamente os atores. Promover subsídios pra interculturalidade pra dar conta da diversidade de saberes na formação.

Que todos os projetos em execução fossem motivados a produzir e partilhar um texto de até 10 páginas com reflexão sobre as ações formativas de Agentes de Ater, seus objetivos, fundamentos/concepções, diretrizes metodológicas e instrumentalidade, ressaltando processos, sujeitos e resultados.

Fazermos mais encontros e criarmos um ambiente de aprimoramento do documento;

Perguntas mais específicas voltadas para cada área a ser debatida.

Marcar com mais antecedência o próximo encontro para que possamos viabilizar vinda de toda equipe. Infelizmente os trâmites burocráticos são intensos e passagens muito onerosas.